



DIEGO BARROS FONSECA

**ESTUDOS DE PRÁTICAS FUNERÁRIAS NO CONTEXTO
AMAZÔNICO**

Dissertação de Mestrado

Belém, Pará

2015



DIEGO BARROS FONSECA

**ESTUDOS DE PRÁTICAS FUNERÁRIAS NO CONTEXTO
AMAZÔNICO**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Prof^a Dra. Denise Pahl Schaan

Belém, Pará

2015

Diego Barros Fonseca

**ESTUDOS DE PRÁTICAS FUNERÁRIAS NO CONTEXTO
AMAZÔNICO**

Belém, 9 de outubro de 2015

Banca examinadora:

Profa. Dra. Cláudia Minervina Souza Cunha - Examinador Externo
Centro de Investigação em Antropologia e Saúde (CIAS) da Universidade de Coimbra

Prof. Dr. Tiago Tomé- Examinador interno
Universidade Federal do Pará/ Programa de Pós-Graduação em Antropologia (UFPA/PPGA)

Prof. Dr. Diogo Menezes Costa- Examinador interno suplente
Universidade Federal do Pará/ Programa de Pós-Graduação em Antropologia (UFPA/PPGA)

Profa. Dra. Denise Pahl Schaan- Orientadora
Universidade Federal do Pará/ Programa de Pós-Graduação em Antropologia (UFPA/PPGA)

À minha família, minha companheira e amigos.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer inicialmente ao Programa de Pós-graduação em Antropologia - PPGA pela oportunidade de ingressar e concluir os estudos nesse nível de ensino.

Agradeço a professora e orientadora Dr^a Denise Schaan, pela paciência e pelas orientações sempre proveitosas e bem objetivas, pelas oportunidades e por de fato ter me apresentado o “mundo” da arqueologia; seus ensinamentos sempre serão lembrados e terá sempre minha gratidão.

Sem dúvida não posso deixar de agradecer à minha família que em nenhum momento deixou de me apoiar em qualquer uma das minhas decisões pessoais ou profissionais.

Agradeço sem dúvida a Laura Norat, por ser minha companheira, ter me escutado, conversado e opinado em diversos momentos sobre o que poderia fazer, sempre me animando, dando força e me convencendo a continuar mesmo quando o que mais me parecia correto era desistir. Muito obrigado, sem você por perto esse trabalho não existiria.

Agradeço a Anna Barbara, por ter me apoiado, ajudado e também por escutar minhas preocupações e objetivos, pelas conversas e pelos anos de arqueologia que nos fez amigos.

Agradeço ainda a todos do Laboratório de Arqueologia, desde o início, do momento que era funcionário até o dia de hoje, local onde sempre aprendi e dei boas risadas, um bom ambiente de trabalho com os companheiros Carlos Eduardo, Tallyta Suenny, Raquel Ramos, Laércios Vaz, Vitor, Dona Marina e Dona Cláudia.

Gostaria de agradecer também ao professor Tiago Tomé pela troca de ideias durante as escavações e a Claudia Cunha que, pelo pouco tempo em que tivemos contato, sempre foi solícita e agradável, agradeço aos dois pelos ensinamentos e paciência.

Por fim, gostaria de agradecer a todos que de alguma forma contribuíram com a produção deste trabalho, seja explicando o que eu não sabia, me ajudando em momentos diversos e etc. Só posso agradecer a todos. Obrigado!

RESUMO

Esta dissertação tem como intenção estudar as práticas mortuárias em contextos Amazônicos, levando em conta os aspectos referentes às práticas relacionadas à morte e ações mágico-religiosas das comunidades indígenas pretéritas da Amazônia, descrevendo dados referentes às escavações já realizadas para a área, assim como contribuindo para os debates sobre essas práticas na região de Itaituba, no Pará. Desta forma, pretende-se que os estudos sobre práticas funerárias na Amazônia tenham a mesma valorização que tem tido estudos sobre lítico e cerâmica, ou seja, deixar de ser um sub-ramo dos estudos arqueológicos e que passe a ser equivalente e acima de tudo pensado junto às demais perspectivas de abordagem para qualquer sítio da Amazônia.

O trabalho descreve o modo como as práticas funerárias eram percebidas desde a época do contato até o estabelecimento dos estudos direcionados à arqueologia da morte, para então estabelecer um protocolo para escavações em ambientes Amazônicos, em especial no Sítio Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, sendo estudo de caso a partir do qual se levanta uma série de dados sobre as práticas de sepultamentos para a região.

Palavras-chave: Práticas Funerárias, Rio Tapajós, Amazônia

ABSTRACT

This dissertation is intended to study mortuary practices in Amazon contexts, taking into account aspects related to practices associated to the death and magical religious actions of past indigenous communities in the Amazon, describing data from excavations already accomplished in the area as well contributing to the debate on these practices in the region of Itaituba in Pará. Thus it is intended that the study of burial practices in the Amazon have the same appreciation that studies about lithic and ceramic has had, in other words, stop being a subdivision of archaeological studies and that it becomes equivalent and foremost thought along with the other approach perspectives to any Amazon site.

The study describes how the funerary practices were perceived from the time of contact until the establishment of the studies directed to archeology of death, and then establish a protocol for excavations in Amazon environments, especially in the site of Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, being a study case from which rises a series of data about the burial practices for the region.

Keywords: Funerary Practices, Tapajós River, Amazon region

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização do Sítio Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Adaptado de Silveira 2012.	20
Figura 2 - Frente (esquerda) e fundos (direita) da casa	21
Figura 3 - Croqui do sítio obtido mostrando as áreas de escavação (Schaan 2010).....	22

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Definição de Urnas e Vasilhas do sítio N. S. P. Socorro.....	18
---	----

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	v
RESUMO.....	vi
ABSTRACT	vii
LISTA DE FIGURAS	viii
LISTA DE TABELAS.....	viii
1 - INTRODUÇÃO	10
2 – O SÍTIO NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO – ITAITUBA	20
Artigo 1 – PRÁTICAS FUNERÁRIAS NA AMAZÔNIA PRÉ-COLONIAL.....	23
Artigo 2 - PRÁTICAS FUNERÁRIAS NO BAIXO RIO TAPAJÓS, AMAZÔNIA.....	44
3 – CONCLUSÕES	98
4 – REFERÊNCIAS	101

1 - INTRODUÇÃO

O estudo de práticas funerárias em contextos arqueológicos na Amazônia envolve diversas questões, que vão desde a falta de profissionais qualificados até problemas de preservação dos restos osteológicos. Mesmo assim, nos últimos anos, esse assunto tem sido debatido e novas perspectivas vêm surgindo, perspectivas essas que essa dissertação de Mestrado propõe discutir, seja do ponto de vista teórico como da apresentação de dados empíricos referentes à escavação de urnas contendo remanescentes humanos em sítios arqueológicos, especialmente um sítio localizado junto ao baixo curso do rio Tapajós.

Levando em conta que as práticas mortuárias basicamente estão inseridas na dicotomia corpo-espírito, onde supostamente o segundo sobrevive após a decadência do corpo, temos que os ritos funerários nada mais são que uma tentativa de controle dos vivos sobre o espírito, onde todas as oferendas e objetos, além de homenagens, são tentativas de apaziguar o espírito e tudo o que esse pode fazer quando insatisfeito com sua condição ou não satisfeito com as homenagens necessárias à sua lembrança.

A ideia de separação entre corpo e alma parece ser muito antiga, tendo sido objeto de estudo da antropologia desde os seus primórdios, e posteriormente com a institucionalização da arqueologia no Brasil por meados do século XIX, com a criação de “museus etnográficos e instituições dedicadas à coleção, preservação, exibição, estudo e interpretação de objetos materiais”, passando a preocupar-se também com esse conhecimento na sua forma interpretativa, indo além da ideia de objetos relacionados somente a curiosidade (Schwarcz 2010: 68).

Nesse resgate no modo de tratamento dos corpos na Amazônia, encontram-se os relatos etno-históricos, que muitas vezes são descrições muito vagas sobre o modo como os indígenas tratavam e praticavam ações diretas nos corpos dos mortos.

Nesse contexto existe uma série de relatos sobre a localização dos espaços funerários e a sua presença nas aldeias, em alguns casos até descrevem tais espaços. Era estranho a esses viajantes a maneira de mobilização dos indígenas quando do falecimento de algum membro da comunidade, e acabavam percebendo as práticas como ações de populações “primitivas” que não “evoluíram”, remetiam esse conhecimento e o modo de interação dos indígenas com o mundo sobrenatural sobre responsabilidade de forças demoníacas, contrariando o ideal cristão e de colonização no período de contato.

Apesar do aumento no interesse dos estudos sobre sepultamentos já no século XIX, esses eram direcionados à identificação de idade e sexo, descrição do material a nível osteológico e o seu armazenamento. Nesse sentido o que se apresentava em especial nos museus etnográficos era o aumento nas pesquisas relacionadas a restos humanos e práticas mortuárias, sobretudo como arquivos de coleções e curiosidades, o que dificultava a interpretação, minimizava a importância das análises potencialmente interpretativas, simbólicas e informacionais que os materiais relacionados a sepultamentos poderiam fornecer, o que acabava acarretando futuros problemas quanto a inclusão das práticas de sepultamento como parte integrante das interpretações dos sítios habitados por essas comunidades pretéritas, seja no espaço de vivência ou na compreensão de sua dinâmica social.

Para além do modo como as práticas funerárias eram estudadas já no final do século XIX, percebe-se uma série de outros problemas relacionados a esses vestígios ósseos, em especial a não valorização desse tipo de material como fonte de informação privilegiada, mesmo quando as escavações ocorriam em contextos essencialmente funerários, destacando a cerâmica como vestígio prioritário.

Outro problema era o direcionamento dos estudos somente a materiais osteológicos bem preservados, onde muitas eram realizadas somente análises de crânios que acabavam priorizando características biológicas evolutivas como suficientes para explicar todo o relacionamento biológico entre populações humanas. Além dessas problemáticas, durante algum tempo predominaram dois mitos arqueológicos que dificultavam ainda mais a valorização desse tipo de material, o mito relativo ao enfoque determinista sobre a diluição demográfica dessas populações pretéritas e o segundo mito que versava sobre a decomposição acelerada desse tipo de vestígio (Mendonça de Souza 2010).

Hoje existem diversos trabalhos referentes as práticas funerárias na Amazônia e que contribuem para a diminuição de algumas lacunas investigativas (Bezerra 2008; Bezerra & Silva 2009; Barreto 2008; Guapindaia 2004; Py-Daniel 2009, 2015; Martins *et al* 2010; Mendonça de Souza 2001, 2010, 2013; Schaan 2003, 2010) referentes às ações sobre o corpo e que sobretudo modificam o contexto de desvalorização dos dados funerários, sendo importante destacar que os dados referentes as práticas de sepultamento não serão informações que por si só bastarão para o entendimento dos contextos arqueológicos, a intenção é chamar a atenção para que dados funerários sejam levados em consideração tanto quanto a cerâmica ou o lítico.

Nesse sentido, entende-se que não deve existir uma segregação dos vestígios funerários e biológicos do resto dos vestígios arqueológicos, a preocupação reside no avanço dos estudos e na criação de métodos e maneiras mais precisas de obter dados que proporcionem uma boa quantidade de informações e em consequência a valorização dessa área investigativa.

Com a percepção desses problemas surgiu meu o interesse em fazer uma pesquisa que pudesse contribuir com os estudos sobre práticas de sepultamento e a valorização desse tipo de vestígio nos contextos arqueológicos. Isso se deu quando eu trabalhava no Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal do Pará, e houve a possibilidade de participar de um curso de capacitação para estagiários e funcionários do laboratório de Arqueologia no manejo de materiais osteológicos.

O curso de Extensão de Escavação em Urnas Funerárias Arqueológicas foi realizado no período de 19 a 30 de março de 2012, no próprio Laboratório de Arqueologia da UFPA, ministrado pela professora Dr^a Anne Rapp Py-Daniel.

O curso tinha como intenção escavar e possibilitar aos participantes a percepção da potencialidade do material funerário e osteológico que estava na reserva técnica e nos futuros materiais que fossem coletados. Além disso, havia o objetivo de capacitar tecnicamente as pessoas que tinham contato com os materiais no cotidiano, seja no manuseio como na qualidade técnica na escavação de vasilhas e urnas funerárias. As vasilhas contendo sepultamentos estão cada vez mais sendo percebidas como parte integrante e imprescindível para o entendimento de sítios arqueológicos na Amazônia, apesar de existir uma parcela reduzida de profissionais que saibam trabalhar tecnicamente com esses vestígios e consigam extrair a maior quantidade possível de informações, sempre aliando esses dados sobre os aspectos mortuários aos outros vestígios do sítio.

No período do curso, algumas vasilhas e urnas puderam ser escavadas mas outras, que continham mais material osteológico, acabaram por demandar mais tempo e cuidado em seu manuseio, impossibilitando a finalização de suas escavações e em consequência análises e interpretações desses dados.

Desta forma, após o curso e levando em conta que os materiais funerários e osteológicos já estavam em laboratório, a necessidade de finalização de suas escavações, o interesse em entendermos mais sobre o potencial investigativo que eles podem fornecer, assim como a possibilidade de colocar em prática as técnicas e conceitos ensinados no curso, surgiu

a proposta de construção de um trabalho que contribuísse de alguma maneira com os estudos sobre sepultamentos na Amazônia. Por essa razão, preparei um projeto para desenvolvimento em nível de mestrado no PPGA – Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPA, sempre tendo em mente o aprofundamento nas pesquisas relacionadas às práticas mortuárias e os processos funerários que ocorrem na Amazônia e em especial na região de Itaituba.

Após o ingresso no programa de pós-graduação, iniciaram-se as pesquisas e optou-se por produzir a Dissertação na forma de dois artigos referentes ao material de urnas e vasilhas do sítio Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Urnas, vasilhas, líticos e materiais cerâmicos foram coletados e escavados em campo a partir de outubro de 2009. O sítio foi escavado no âmbito de um salvamento arqueológico realizado nas rodovias BR-163 e BR-230 pelo NPEA – Núcleo de Ensino e Pesquisa em Arqueologia. O sítio chamado de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (NSPS) está localizado à margem esquerda do rio Tapajós próximo ao município de Itaituba. O material referente as escavações foi transportado para a Universidade Federal do Pará (UFPA) para a guarda. Para essa pesquisa de Mestrado foram estudadas 12 urnas e 3 vasilhas, das quais 9 urnas e 2 vasilhas foram escavadas especialmente para essa pesquisa. As urnas 2 e 10 já estavam desmontadas e guardadas na reserva técnica, assim como a vasilha 1. No caso da Urna 12 o material foi escavado no laboratório de arqueologia da UFOPA, por Gizelle Moraes, local onde está guardado.

A classificação do material encontrado em urnas ou vasilhas foi realizada em campo. Aparentemente em campo a classificação baseou-se no tamanho das vasilhas, sendo consideradas urnas todos os vasilhames maiores e vasilhas as de menor tamanho. Em laboratório, adotamos outros critérios classificatórios. Consideramos como urnas funerárias somente aquelas vasilhas que efetivamente continham remanescentes ósseos, sendo as restantes classificadas genericamente como vasilhas.

Com clareza sobre o que seria pesquisado, e a escavação do material funerário já em andamento no laboratório, iniciamos a elaboração do primeiro artigo, que teve por foco os estudos de práticas funerárias. Esse levantamento apresentou uma série de informações quanto à presença de materiais osteológicos em sítios arqueológicos, chamando a atenção para o fato de que espaços relacionados a sepultamentos também serem espaços de habitação, cerimoniais, oficinas cerâmicas e líticas, espaços multicomponenciais e de grande potencial interpretativo.

Uma das inquietações para a construção do primeiro artigo foi a percepção de que o entendimento, a compreensão dos vestígios osteológicos e de materiais relacionados a micro-resíduos biológicos são importantes em qualquer contexto de investigação, sejam vestígios degradados ou não, possibilitando novas possibilidades de interpretações a partir de diversos campos de conhecimento, porém não estavam sendo levadas em consideração como importantes nas pesquisas.

Logo essa inquietação levantou algumas dúvidas, como: o que estudar a partir dos vestígios arqueológicos que se apresentam em campo? Entendendo que o material osteológico e as grandes interferências de cunho humano e ambiental prejudicaram de forma significativa algumas informações que por ventura podiam ser colhidas a partir desses vestígios, pergunta-se como extrair informações consistentes desse tipo de material arqueológico? Tais dúvidas geraram a investigação sobre o modo como esse material biológico pode ser e foi usado na arqueologia no decorrer de no mínimo um século para a Amazônia.

As leituras então mostraram a pouca atenção dada ao material osteológico, principalmente no contexto do século XIX e início do XX colocando esse tipo de vestígio em segundo plano. Mendonça de Souza (2010) acredita que a falta de estudos e o crescimento de dois "mitos" arqueológicos - o mito da diluição demográfica e o mito da diluição biológica - podem ter contribuído de forma significativa para essa relegação a segundo plano do material funerário durante muito tempo.

Mendonça de Souza (2010) argumenta contra esses mitos e as impossibilidades que eles levantam, lançando um olhar diferenciado e coerente com as devidas potencialidades arqueológicas desse tipo de material na Amazônia, principalmente quando se trata das práticas de sepultamento e organização social que estão presente no cotidiano das comunidades pretéritas e que antes eram até por falta de especialistas, suprimidas do contexto do sítio, ou relacionadas como informação complementar dos achados. Desta forma, acaba por nos informar que extrair informações desses materiais é possível a partir do momento que se tem o cuidado no manuseio correto desses vestígios.

No que concerne à compreensão do espaço e sua interpretação, é importante existir um processo de escavação que tenha um "norte" a ser seguido, onde há de ser levada em conta uma proposta metodológica direcionada à escavação dessas urnas e vasilhas, visando a extração da maior quantidade de informações dentro de campo e em ambiente controlado. Nesse caso a metodologia proposta é bem semelhante às técnicas empregadas no período do

curso de extensão, mas, para além disso, foi pensado um protocolo a ser seguido, tendo como base as proposições de Mendonça de Souza (2010, 2013) e Py-Daniel (2009), que possibilitou uma dinâmica interessante na escolha dos métodos e perguntas a serem seguidos, sempre visando recolher a maior quantidade de informações possíveis de um material tão degradado quanto a do sítio N. S. P. Socorro.

De forma geral a metodologia consistia em unir as proposições de Mendonça de Souza (2010, 2013) e Py-Daniel (2009) e adaptá-los à necessidade do sítio estudado, usando aquilo que se percebeu mais adaptável às particularidades do material coletado no sítio N. S. P. Socorro. Entre estes estão observações relacionadas à causa da morte, a presença de marcas nos ossos, a presença de corpos estranhos associados, o estado do corpo no momento morte, a idade, o sexo, o tamanho de seu corpo e a patologia associada a essa morte, ainda sim tenta-se saber quando possível sobre processos de decomposição que estão relacionados à descoloração, manchas, erosão, rachaduras, descascamento e craquelamento dos vestígios ósseos, isso quando possível.

Informações sobre o solo como a acidez, umidade, granulidade fazem parte da proposta de análise das autoras; outra possibilidade é a percepção sobre a atividade de animais sobre o material como: marcas de dentes e atividade botânica que pode ser verificada pelo ácido húmico, assim como processos relacionados à atividade mecânica no solo.

Segue-se então com a coleta de dados sobre o ambiente como: temperatura, umidade, exposição ao sol e etc., bem como o tratamento pré-sepulcral relacionado a corte ou queima dos ossos. Levando em conta a boa preservação desses materiais, todos os itens poderiam ser investigados; já se o material estivesse pouco conservado a seleção de itens deveria ser adaptada a cada situação de pesquisa. Ações metodológicas e de coleta de informações também foram estudadas no sentido do quanto essas técnicas podem trazer de informações.

É importante levar em consideração que as práticas mortuárias nos contextos de sítios com materiais funerários envolvem e modificam toda a dinâmica social da comunidade. Os aspectos lutosos e a crença em uma série de mundos espirituais, com uma multiplicidade de crenças, mitos e ritos, mostra que a relação desses indivíduos com a morte é importante. Portanto, é incompreensível que a percepção dos aspectos relacionados às práticas de sepultamento não esteja contemplada em boa parte dos relatórios, artigos e publicações sobre os sítios estudados, seja nas análises técnicas do material ou mesmo no sentido interpretativo das ações sobre o corpo nessas comunidades.

A pesquisa, então, nesse primeiro artigo, reside na possibilidade de se evidenciar múltiplos olhares que interajam e se comuniquem, onde as perspectivas teóricas sejam capazes de criar uma continuidade teórica e explicativa do contexto arqueológico nos próprios escritos, seja em relatórios de campo quanto nos estudos em laboratório. É importante uma sequência teórica e de métodos que possibilitem uma pesquisa multicampos, com diversos olhares e perspectivas em um mesmo trabalho, sempre na tentativa de cercar o objeto de estudo da maior quantidade possível de informações - um conhecimento contínuo sem o prejuízo da separação estanque entre pesquisas de campo e de laboratório.

Com o intuito de contextualizarmos as práticas observadas através do material ósseo era necessário fazermos um levantamento de informações etnográficas e relatos de viajantes para a região, principalmente informações referentes às práticas de sepultamento para a área de Itaituba. Esse levantamento de dados faz parte do segundo artigo.

Na Amazônia as práticas mortuárias são importantes e se apresentam de diversas maneiras nas muitas comunidades indígenas, apesar de os três momentos essenciais do ato da morte serem constantes nas práticas funerárias, a saber: o sepultamento dos restos mortais do falecido; a garantia de paz a alma no limiar entre o mundo dos vivos e dos mortos e por fim, libertar a vida da comunidade das obrigações do luto, encerrando desta forma um ciclo social e cultural (Van Gennep 2004[1909]; Robert Hertz 1990, 2004 [1917]).

Existe uma série de interpretações sobre o modo como essas populações pretéritas entendem os atos mortuários, sua relação com o mundo material e espiritual, e que acabam justificando cada um à sua maneira o modo como deve ser tratado o corpo dos indivíduos, sempre visando à libertação das restrições pós-morte, ou mesmo pela importância em se homenagear o falecido, findando assim com as obrigações culturais e rituais.

A ideia de que as práticas funerárias também acabam desempenhando um papel inegável para os vivos, mostra que o enterro em parte é preparado para o falecido e em parte para os vivos, levando em conta a cosmologia de cada comunidade indígena. Neste sentido, as práticas funerárias seriam uma tradução material do ritual funerário que está cercado de simbologia e de uma mística imaterial, sendo a parte prática daquilo que acaba sendo acessível aos vivos (Duday 2006: 47).

Quando essa prática não se faz acessível, o que resta é imaginar através da leitura da cultura material e de informações às vezes vagas, o que simbolizaria ou representaria a ação em determinado corpo, seu significado e o modo como se deu a prática no contexto do sítio

escavado, visando entender uma parcela daquele ato ritual e funerário. Essa leitura antropológica é importante para entender e interpretar o modo como as práticas mortuárias são importantes para essas comunidades.

É muito claro hoje que práticas funerárias não se separam do contexto do sítio, são parte do mesmo e assim devem ser interpretadas. Em alguns casos a evidência das práticas mortuárias, aliadas aos dados osteológicos e de interpretação da cultura material definem interpretações coerentes sobre o sítio arqueológico. O modo como os mortos eram tratados, a existência de uma hierarquia no sítio, a importância do cadáver para a comunidade e os gestos rituais e simbólicos vão mostrar uma parte da realidade dessas populações pretéritas.

Os rituais e as práticas funerárias marcam momentos importantes na história das sociedades, seja na reafirmação de identidades ou de práticas culturais, onde o momento da morte nunca deixa de ter tratamento importante pelas comunidades pretéritas.

Na antropologia e na arqueologia, percebe-se a importância desse tipo de informação, entretanto o modo como geralmente são abordados nas pesquisas deixam a desejar, pois informações sobre materiais osteológicos passam a ser secundárias em relação às informações de materiais cerâmicos e líticos. A carência de profissionais especializados e laboratórios adequados fazia com que em alguns momentos os materiais fossem analisados fora do Brasil.

À época da escavação em Itaituba, como já foi informado, foram coletadas em campo um total de 12 urnas e três vasilhas, nomeadas em ordem crescente dos achados, classificadas também pelo seu tamanho ou pela percepção por parte dos pesquisadores em campo de material osteológico visível ou possibilidade de vestígios ósseos em seu interior, classificação que foi refeita por não coincidirem com os materiais no interior de algumas urnas.

Foi decidido manter a nomenclatura de campo, porém a classificação se urna ou vasilha foi refeita, seja pela identificação em relatório, por artigos escritos sobre o sítio e sobre o seu material (Schaan 2010; Py-Daniel 2015; Martins 2010), conforme mostra a tabela 1. Definiu-se como urnas aqueles vasilhames com ossos em seu interior e vasilhas aqueles com ausência de vestígios osteológicos no seu interior.

Tabela 1 – Definição de Urnas e Vasilhas do Sítio N. S. P. Socorro

Nomenclatura de Campo	Presença de ossos	Definição posterior
Vasilha 1	Não	Vasilha 1
Vasilha 2	Não	Vasilha 2
Vasilha 3	*	Vasilha 3
Urna 1	Sim	Urna 1
Urna 2	Não	Vasilha 4
Urna 3	Não	Vasilha 5
Urna 4	Sim	Urna 4
Urna 5	Sim	Urna 5
Urna 6	Sim	Urna 6
Urna 7	Sim	Urna 7
Urna 8	Não	Vasilha 6
Urna 9	Sim	Urna 9
Urna 10	Não	Vasilha 7
Urna 11	Sim	Urna 11

* Não é possível afirmar se os pequenos fragmentos de ossos encontrados eram humanos.

Levando em consideração a nova classificação, resulta o total de sete urnas funerárias e sete vasilhas. Entre essas sete vasilhas, algumas que podem ser consideradas acompanhamentos das urnas. Essa nova classificação - **urnas funerárias (com ossos) e acompanhamento** e **vasilhas (sem ossos)** -, foi empregada no segundo artigo onde as descrições seguiram a ordem crescente dos nomes dados em campo. Algumas descrições de forma de urnas/vasilhas fragmentadas foram feitas a partir de fotos de campo, em especial as que não tinham bordas.

Quanto à metodologia, seguimos a que foi utilizada no curso de extensão, fazendo algumas modificações de acordo com a evolução e as necessidades da escavação das urnas e vasilhas, o que é detalhado no segundo artigo.

Basicamente, procedeu-se com a retirada do material da reserva técnica, seguido de uma série de fotografias para registro e a utilização de uma ficha de escavação onde deveriam existir informações sobre o modo de acondicionamento, registro de foto e observações sobre o material durante a escavação.

Seguiu-se então com as medições do tamanho da urna ou vasilha e a descrição de aspectos gerais como a existência ou não de materiais que estejam visíveis e a presença de material solto na superfície ou não.

Após a retirada dos materiais que estavam envolvendo e protegendo as vasilhas, foi feita a identificação de tudo que existia na superfície, utilizando-se números sequenciais de acordo com sua procedência, facilitando a localização e identificação de informações na ficha.

Para a escavação foram usados níveis artificiais de 5 cm, retirando-se amostras de sedimento a cada término de nível. Os níveis foram medidos usando pontos fixos que servissem de DATUM, sendo anotados nas fichas de escavação o ponto e o modo como as urnas ou vasilhas estavam orientadas no momento da escavação.

Somente em caso de urnas e vasilhas inclinadas é que foram utilizadas as paredes e as bordas das urnas (quando existiam) como referência. Quando possível foi desenhado um croqui da base do nível, preenchidas as fichas e recolhido o material.

Todo material lítico, cerâmico, ósseo, botânico e carvão foi coletado separadamente. O sedimento oriundo do interior dos vasos ou urnas foi peneirado antes do início de um novo nível. Dependendo do grau de conservação e da fragilidade do material, organizou-se tudo em caixas-arquivo, onde os materiais foram separados em sacos plásticos, numerados e etiquetados. Para a identificação e análise de material osteológico e biológico foram utilizados manuais de osteologia e conservação.

Por fim, no segundo artigo discute-se sobre a importância das práticas mortuárias para as comunidades pretéritas da região, seja a partir da etnologia em relação aos dados da análise do material do sítio, seja relacionando os possíveis gestos funerários a determinados grupos indígenas, seja pela diversidade no tratamento dos corpos, seja pelo significado dessas ações para as populações indígenas Amazônicas. O que se percebe no final é a dinâmica cultural intensa entre as populações pretéritas na Amazônia, em especial as que estão localizadas às margens do rio Tapajós.

2 – O SÍTIO NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO – ITAITUBA

O sítio Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, que foi escavado como parte dos Programas Básicos Ambientais relativos ao processo de licenciamento para a pavimentação da rodovia BR-163 e da rodovia BR-230, está localizado no município de Itaituba, na Macrorregião Sudoeste do estado do Pará, na margem esquerda do rio Tapajós, em uma propriedade particular na saída do canal Piracaná.

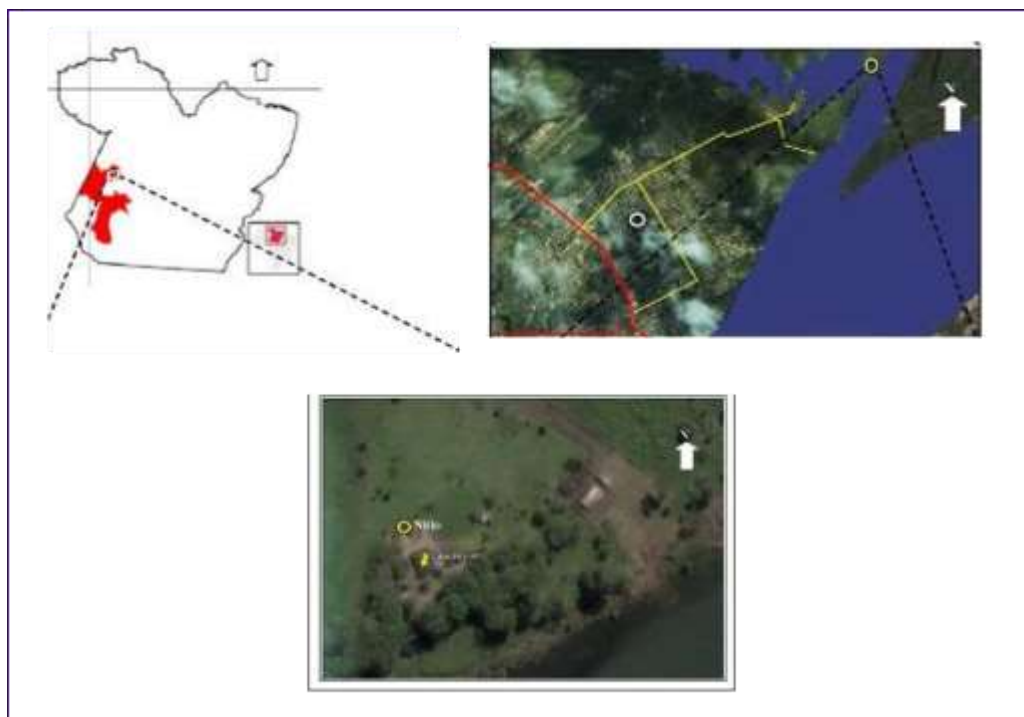


Figura 1 - Localização do Sítio Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Adaptado de Silveira 2012.

Neste sítio foram executadas três etapas de campo; as duas primeiras foram com o intuito de salvamento arqueológico de urnas que estavam aflorando e a terceira etapa consistiu em mapeamento topográfico, prospecção geofísica e salvamento de outras urnas que não foram resgatadas nos momentos anteriores. A primeira etapa foi desenvolvida entre os dias 20 e 29 de julho de 2009, a segunda entre 19 e 29 de outubro de 2009 e a terceira entre 15 e 25 de maio de 2010.

Uma parte mais elevada do sítio é constituída por um terreno plano, onde se localiza a casa habitada pelos caseiros. Da frente da residência avista-se o rio Tapajós; a medida que se

caminha em direção ao rio, o local vai apresentando um declive. Nos fundos do terreno há ainda outras construções e uma intensa atividade humana, além de muitas árvores, em sua maioria frutíferas, assim como uma área de pasto com gado bovino e criação de animais domésticos.

O material oriundo desse sítio foi coletado em duas áreas de escavação.



Figura 2 - Frente (esquerda) e fundos (direita) da casa

A área de escavação 1, que fica nos fundos da casa, é uma área praticamente plana e com pouca vegetação. Esta área é varrida e pisoteada constantemente tanto por pessoas quanto animais, o que contribuiu para o afloramento das vasilhas, que foram escavadas nas três etapas de campo.

A área de escavação 2, que fica na frente da casa foi aberta na segunda etapa de campo, com a intenção de investigar a presença de uma vasilha grande aflorando na superfície; no local é possível encontrar uma grande quantidade de árvores frutíferas, principalmente mangueiras.



Figura 3 - Croqui do sítio obtido mostrando as áreas de escavação.

As escavações realizadas nas três etapas renderam uma quantidade de 1.577 fragmentos cerâmicos, 151 fragmentos líticos, três vasilhas cerâmicas e 12 supostas urnas funerárias. No próprio local do salvamento dessas urnas e vasilhas foi realizada uma breve limpeza e acondicionamento do material para transporte.

O relatório de campo (Schaan 2010) menciona que boa parte da degradação que esse material sofreu teve origem em processos tafonômicos, seja pelo deslocamento das urnas pelas raízes das árvores, assim como a quebra de várias urnas por essas raízes, como pela umidade, ou mesmo devido às intervenções antrópicas diretas sobre o material, que resultaram em muitas urnas e vasilhas não apresentarem bordas e estarem totalmente fragmentadas, sendo possível sua identificação e retirada devido ao sedimento estar muito compactado aos fragmentos cerâmicos e ósseos.

Artigo 1 – PRÁTICAS FUNERÁRIAS NA AMAZÔNIA PRÉ-COLONIAL

Artigo 2 - PRÁTICAS FUNERÁRIAS NO BAIXO RIO TAPAJÓS, AMAZÔNIA

Autor: Diego Barros Fonseca

Submissão: Será enviado para revista ser selecionada após a defesa.

PRÁTICAS FUNERÁRIAS NO BAIXO RIO TAPAJÓS, AMAZÔNIA

RESUMO

O artigo trata sobre uma série de urnas e vasilhas relacionadas a práticas de sepultamento provavelmente de indígenas Mundurucu, na área do baixo rio Tapajós, coletadas no sítio arqueológico Nossa Senhora do Perpétuo Socorro em Itaituba, Pará. Avaliando semelhanças com dados etno-históricos e arqueológicos sobre as práticas funerárias na região, o artigo ainda descreve as escavações em laboratório desse material, apresentando dados e interpretações dos vestígios osteológicos encontrados, visando contribuir com os debates sobre as práticas funerárias na região Amazônica.

Palavras-Chave: Práticas Mortuárias, rio Tapajós, Mundurucu, Amazônia

FUNERARY PRACTICES IN THE LOWER RIO TAPAJÓS, AMAZONIA

ABSTRACT

The article focus on a set of urns and vessels probably related to Mundurucu burial practices, in the region of lower Tapajós river, collected in the archaeological site of Nossa Senhora do Perpétuo Socorro in Itaituba, state of Pará. Evaluating similarities with ethnohistorical and archeological data about funerary practices in the region, it describes the excavations in laboratory of this material, presenting data and interpretations of osteological traces found in order to contribute to the debate on funerary practices in the Amazon region.

Keywords: Funerary Practices, Tapajós River, Mundurucu, Amazonia

PRÁTICAS FUNERÁRIAS NO BAIXO RIO TAPAJÓS, AMAZÔNIA

1 – INTRODUÇÃO

Práticas funerárias pretéritas na Amazônia são mencionadas constantemente nas descrições e nos estudos arqueológicos da região. No entanto é recente a sua utilização como dados para o entendimento dos processos que envolvem a morte e símbolos ritualizados nas comunidades indígenas. Até a segunda metade do século XIX, os estudos de práticas funerárias aparecem separados dos estudos de sítios arqueológicos, como se fossem outro contexto dentro do mesmo espaço, muitas vezes entendendo os sepultamentos apenas como o estudo específico dos restos ósseos, ao passo que se esquecia dos gestos e símbolos que representam e dão “vida” ao momento ritual do ato da morte que é gerenciado sobretudo pelos vivos.

A partir do início do século XX, crescem em número os estudos relacionados a restos humanos bem conservados e às práticas mortuárias; mesmo assim, havia uma carência de profissionais especializados. Além disso, os estudos estavam direcionados à compreensão morfológica, em interesses paleopatológicos de material ósseo, privados de todo o contexto cultural e percebendo o material apenas como um interesse disciplinar restrito, ideia que até duas décadas atrás ainda estava bem presente na arqueologia da Amazônia.

Hoje é muito claro que práticas funerárias não se separam do contexto do sítio, são parte do mesmo e assim devem ser interpretadas. Em alguns casos a evidência das práticas mortuárias, aliadas aos dados osteológicos e de interpretação dessa cultura material definem interpretações coerentes sobre o sítio arqueológico, o modo como os mortos eram tratados, a existência de uma hierarquia no sítio, a importância do cadáver para a comunidade, e os gestos rituais e simbólicos que vão mostrar uma parte da realidade dessas populações pretéritas.

Esse artigo trata das práticas de sepultamento em urnas a partir de escavações realizadas no sítio Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, no município de Itaituba, baixo rio Tapajós. Com isso, pretende-se colaborar com dados referentes às práticas funerárias na região do baixo Amazonas, dialogando com dados produzidos para esta e outras regiões da Amazônia.

Inicialmente apresentamos alguns relatos de viajantes sobre práticas de sepultamento, mostrando em seguida os resultados de escavações na região, que evidenciam práticas funerárias peculiares e diversas no espaço e no tempo.

Faz-se a descrição do sítio N. S. P. Socorro, visando o entendimento do contexto de escavação em campo, o modo como as vasilhas e urnas estavam distribuídas no espaço, as áreas objeto de escavação, visando entender a espacialização do material osteológico e funerário.

A metodologia escolhida para a escavação das urnas e vasilhas teve por objetivo organizar os dados para interpretações referentes ao sítio, bem como retirar a maior quantidade de informações possíveis durante seu manuseio em laboratório, tomando como base protocolos já estabelecidos na literatura (Roksandic 2002; Duday 1990, 2006; Ubelaker 2008; Py-Daniel 2009; Dupras 2011; Mendonça de Souza 2013), e que são possibilidades bem adaptáveis às dinâmicas de cada sítio.

Discute-se ao final sobre a importância das práticas mortuárias para as comunidades pretéritas da região. A partir da análise do material, faz-se relações com etnografia que possam esclarecer sobre a importância das práticas de sepultamento, relacionando os gestos funerários a determinados grupos indígenas, apesar de sabermos da grande variedade no tratamento dos corpos em diversos povos, bem como o significado plural que permeia a prática dessas ações nas populações indígenas Amazônicas.

2 – PRÁTICAS MORTUÁRIAS NO BAIXO CURSO DO RIO TAPAJÓS

As regiões de Santarém e Itaituba eram dominadas, no período proto-histórico, pelos índios Mundurucu e Tapajós. Os Mundurucu ocupavam as margens do rio Tapajós desde o século XVIII: “tanto no seu curso baixo e médio, como a região que se estende desde ambas as margens desse rio para o interior do território, estava densamente povoado pelos Mundurukú” (Menendez 1981-82: 337), logo a região de Itaituba também era de influência Mundurucu. Os Tapajós ocupavam a foz do rio, em sua margem direita (Santarém), e o planalto de Belterra (Stenborg et al. 2012).

Os Tapajós são descritos para esta região desde a época do contato, exercendo inclusive influência sobre outras comunidades indígenas nessa região (Acuña 1994[1641];

Bettendorf 1909[1698]; Barbosa Rodrigues 1875; Nimuendajú 1949; Heriarte 1962; Florence 2009).

Cristóbal de Acuña (1994 [1641]), padre jesuíta espanhol que foi cronista da primeira expedição a navegar sobre o rio Amazonas desde suas nascentes até sua foz, descreveu os índios “Tapajoses” como guerreiros temidos inclusive pelos portugueses, pois esses eram muitos hábeis no uso de flechas envenenadas e mortais. Segundo esse relato, as margens do rio eram muito povoadas por “bárbaros” mas que tem boas terras e boa quantidade de alimentos. Menciona ainda que os índios teriam ídolos pintados a quem adoram e pagam dízimo das sementeiras.

Mais tarde, Bettendorf (1909[1698]), religioso jesuíta que chegou ao norte do país em 1661, mandado para fundar missão jesuítica na aldeia dos Tapajós, atual cidade de Santarém, situada à foz do grande rio, destacou que os índios Tapajós tinham casas escondidas na mata, locais onde cultuavam seus mortos e guardavam os restos mumificados dos que possuíram então maior prestígio social na comunidade, eram reverenciados em celebrações ritualísticas e posteriormente destacados como oráculos. Esses atos funerários não agradaram aos portugueses, que então decidiram reprimir de forma violenta estas práticas destruindo as múmias, tendo como justificativa a ideia de que essas cerimônias eram “demoníacas”. Esse discurso sobre ação demoníaca é constante nos relatos dos missionários.

Barbosa Rodrigues (1875) argumentou por um domínio Tapajônico até a cachoeira Boruré, próximo de Itaituba. Descreveu que com o correr dos anos foram os índios Tapajós estendendo-se, em especial pela margem direita até a cachoeira, tomando várias denominações, porém conservando os mesmos costumes.

Sobre as práticas de sepultamento dos Tapajós, Barbosa Rodrigues (1875) afirmou que estes usavam “igaçauas” duplas para guardarem os ossos, colocando os ossos dentro de uma espécie de “panela”, que era posta dentro de um pote ornado com desenhos de linhas com formas geométricas e feitas com tinta vermelha, enterradas juntas com a boca voltada para cima. Em um sítio próximo ao rio Piracaná, o mesmo escavado por Hartt (1885), encontrou inúmeros vestígios de ‘igaçauas’ e fragmentos de louça (uma sendo grosseira e sem desenhos e outra mais fina e com desenhos em formas geométricas e com tinta “encarnada”). De maneira geral, afirmou que os índios Tapajós ou sub-divisões destes viviam no baixo Tapajós, até a época em que os portugueses começaram a sua conquista, obrigando-os a fugirem para o interior da floresta (Barbosa Rodrigues 1875: 126).

Nimuendajú (1949) - etnólogo de origem alemã que dedicou parte de sua vida a pesquisar comunidades indígenas desde 1905 até a sua morte em 1945 - inferiu que o domínio Tapajônico chegava até 50 km ao sul de Santarém, na localidade de Aramanahí, baseando-se principalmente pela dispersão da cerâmica. Considerou ainda que os Tapajós não enterravam os seus mortos, pois observou a ausência de sepultamentos nessas ocupações tapajônicas, atestando a existência de ocorrências de urnas em algumas comunidades indígenas, como é o caso de um tipo de cerâmica que relaciona à cultura Sapupé em Itaituba, na margem esquerda do rio Tapajós (Nimuendajú (1981[1947]; 1949; 2004; Martins 2010; Martins 2012a; Martins 2012b; Martins 2012c).

O cronista Heriarte (1962) relatou sobre a ocupação dos Tapajós por volta de 1637, revelando que estes índios consumiam ossos triturados e queimavam os objetos pertencentes ao morto, desta forma: “quando morre algum d’estes índios, (...) os poem em umas cazas que tem feitas so para elles, aonde estam a mirrar e a consumir a came: e os ossos moidos os botam em vinho, e seus parentes e mais povos o bebem” (Heriarte 1962: 36-37). Em outra observação referente ao rio Tapajós, chegou a afirmar que quando ocorre a morte de algum destes índios Tapajós, os colocam deitados em uma rede, e colocam aos pés do morto todos os bens que possuía em vida. Hércules Florence (2007) comentou sobre um aldeamento a leste de Santarém que era chamada de Tapajós.

Já as descrições sobre a margem esquerda do rio Tapajós referem-se especialmente ao domínio dos índios Mundurucu do alto Tapajós até a região de Itaituba (Bates 1979; Barbosa Rodrigues 1875; Hartt 1885; Nimuendajú 1981 [1947]; Horton 1948; Hilbert 1958; Coudreau 1977; Florence 2007).

Em 1852, Henry Bates (1979:182), um naturalista inglês que viajou para o Brasil em 1848 ficando até 1859, verificou a presença de índios Mundurucu próximo à Itaituba e no rio chamado de Cupari, que fica a nordeste desta cidade, destacando que esses índios tinham um costume “diabólico” de cortar as cabeças de seus inimigos mortos e preservá-las como troféus em suas casas.

Barbosa Rodrigues (1875) afirmou que os Mundurucu dominavam o alto Tapajós, onde eram conhecidos como caras pretas, e observa que esses índios faziam um interessante rito funerário para os seus guerreiros mortos em batalha. Resumidamente, após o descarte do corpo, pegavam os ossos que estavam guardados no que é chamado de “quartel”, estando ali já durante um período de três anos e realizavam um novo festejo, esse podendo demorar cerca

de um mês; esses eventos sempre aconteciam com a presença dos ossos do falecido. Após todos os ritos, colocavam os ossos dentro de uma “igaçaua” onde eram enterrados para sempre. Já quando as mortes aconteciam na aldeia, relata que: “Quando morre algum da tribo, são vestidos com as suas roupagens guerreiras e enterrados dentro de casa” (Barbosa Rodrigues 1875: 150).

Hartt (1885) era um geólogo canadense-americano que, por volta de 1871, encontra uma série de urnas funerárias em uma localidade chamada de Cafezal, na margem esquerda do rio Tapajós, a cinco ou seis milhas de Itaituba, relatando que em “tempos relativamente modernos existia alli uma maloca dos Índios Mundurucus” (Hartt 1885: 15). Estas urnas estavam quebradas, devido ao nivelamento do terreno feito pelo proprietário do local.

Nessa ocasião Hartt escavou 15 urnas, que continham ossos humanos e dentes, sendo algumas delas largas e rasas como panelas, a maior medindo 1,06 m de diâmetro e 0,30 m de altura. Existem semelhanças em tamanho e presença de materiais dentro das urnas com as que foram encontradas no sítio N. S. P. Socorro. Hartt informa que encontrou no interior de uma das urnas uma grossa chapa redonda de cerâmica sem ornamentação, posicionada horizontalmente, que concluiu ser parte de um forno de cerâmica. Sobre essa chapa havia diversos ossos de membros superiores e inferiores de um mesmo indivíduo, alinhados paralelamente, sem aparente incineração, além de um osso que foi identificado como sendo do crânio. Em outras urnas foram encontrados fragmentos de ossos misturados à terra preta que o autor considerou que podem ter sido incinerados (Hartt 1885, p. 15).

Outra urna teria fragmentos de ossos “podres e quebrados”, misturados à terra preta, devido ao avançado estado de decomposição dos ossos e grau de mistura com a terra preta, não define de imediato se esses ossos foram incinerados; no entanto, após observação mais detalhada, infere que sim, observação importante, pois mostra a prática de cremação.

Em uma urna menor, Hartt (1885) encontrou apenas parte de um esqueleto, considerando ser “incompreensível” que esses índios fizessem um ritual de sepultamento somente para parte desse corpo. Uma explicação possível para isso seria o costume Mundurucu enterrar apenas partes do corpo quando da morte de um indivíduo ocorria fora da aldeia. Segundo Hartt (1885), os Mundurucu já eram conhecidos por volta de 1770, época em que desceram o rio Tapajós, fundando sua primeira aldeia em Santa Cruz, na margem esquerda do Tapajós, abaixo de Itaituba. Nessa época, o baixo Tapajós era povoado pelos brancos que faziam negociações no rio. Quando se tornaram tutelados pelo governo e pela igreja, os Mundurucu teriam cessado de usar machados de pedra e enterrar os mortos em

potes. Portanto, Hartt tem dúvidas quanto ao fato da “estação funerária” pertencer aos índios Mundurucu, a não ser que eles tivessem ocupado essa área antes dos portugueses.

O mapa de Nimuendajú (1981[1947]) coloca os Mundurucu como ocupantes da região de Itaituba e possivelmente do sítio N. S. P. Socorro desde 1862 até 1894.

Donald Horton (1948: 271), que era etnógrafo, em sua descrição sobre os Mundurucu, do final do século XVIII ao início do XIX, comenta que estes índios eram um povo guerreiro, que expandia seu território ao longo do rio Tapajós e áreas adjacentes, chegando ao seu limite no início do século XIX, quando assim foram derrotados pelos “neo-brasileiros”, localizando seus assentamentos ao “longo do meio do Rio Tapajós”. No que se refere às práticas mortuárias, Horton (1948: 279) nos revela que os parentes maternos do falecido lhe cortam os próprios cabelos, pintam seus rostos e realizam um prolongado período de lamentação por sua morte. O cadáver é envolto em uma rede e colocado em posição sentada, com seus joelhos flexionados em uma cova cilíndrica sob o piso da habitação; junto a ele são colocados alguns de seus bens como acompanhamento. Os indivíduos de alta posição social são exumados e queimados após a carne ter decaído; essas cinzas são enterradas posteriormente em urnas. Quando um guerreiro é morto em campo de batalha distante da aldeia, sua cabeça é trazida de volta e colocada em exibição junto a seus ornamentos, trombetas e armas.

Após a exibição acontece uma festa em honra do falecido, e a cabeça do morto é pendurada num colar no pescoço de sua mãe, viúva, ou irmã, e seus companheiros guerreiros comprometem-se em vingar sua morte. Segue-se um longo período de luto até o momento em que a cabeça do falecido é enterrada em sua casa.

Hilbert (1958), etnólogo e arqueólogo alemão que realizou pesquisas na Amazônia brasileira através do Museu Paraense Emílio Goeldi, descreveu urnas escavadas por Frei Protásio Frikel, em julho de 1957, na missão franciscana “São Francisco do Cururú”, fundada no ano de 1911 e que encontrava-se à margem esquerda do alto rio Tapajós, cerca de 120 km acima do rio Cururú. A área pertenceria aos índios Mundurucu, estendendo-se ao norte até a margem do Amazonas. Segundo Hilbert, a distribuição das “vasilhas” não apresentava um padrão, basicamente eram urnas de sepultamento secundário contendo ossos longos ou esfarelados, sem oferendas dentro ou fora da urna. Encontrou alguns fragmentos de cerâmica do tipo cuscuzeiro e sugeriu que este local poderia ser tanto um sítio cemitério quanto de habitação.

Henry Coudreau (1977), um explorador francês, relata suas observações entre os anos de 1895 - 1896 sobre os Mundurucu, onde informa sobre a prática de sepultamento ser realizada a partir da deposição do cadáver enrolado em uma rede e enterrado de cócoras em uma cova em forma de poço, assim como Horton (1948) descreveu.

Hércules Florence (2007), que era um inventor, desenhista, polígrafo e pioneiro da fotografia franco-brasileiro juntou-se a expedição do Barão Georg Heinrich von Langsdorff como desenhista, e fez seus relatos entre os anos de 1825 a 1829 onde destacou que na margem esquerda do rio Tapajós, existiam várias concentrações de índios Mundurucu, em especial na margem oposta a cidade de Itaituba, onde está o distrito de Uxituba, local habitado por alguns portugueses e índios Mundurucu.

Ora descrevendo os atos funerários ora afirmando a presença de urnas funerárias, o que fica claro é que a região de Itaituba e arredores a partir das descrições desses etnógrafos e viajantes se assemelham no que diz respeito aos padrões de sepultamento, o que muda basicamente são alguns modos de tratamento direto sobre o corpo (como esquartejamento e descarne), mudanças que podem ter sido influenciados pelo contato entre as comunidades dessa região antes da colonização, ou mesmo pela mudança na dinâmica cultural e ritual quando do contato com os colonizadores. Os dados levantados para a região apresentam um padrão de sepultamento geralmente secundário após o tratamento direto sobre o corpo.

Um ponto importante nesses contextos é pensar a ideia de contato e mudança cultural relacionados ao tratamento sobre o corpo do falecido como algo muito adaptável, alinhado às dinâmicas de transformação do espaço e de ações sociopolíticas, diferentemente das ações rituais e de sepultamento que se apresentam nesse contexto constantes, sempre de forma secundária, mantendo-se os mesmos no tempo e no espaço.

Desta maneira, a ação sobre o corpo pode ser variada, porém o ritual em si é algo linear e relevante nessas comunidades, já que reveste de importância as diversas fases do luto até o sepultamento do indivíduo de forma secundária.

Seja esse indivíduo de alto grau de importância na comunidade, guerreiro ou membro, as pompas e os processos mortuários serão mais ou menos elaborados, tendo importância mágica e simbólica seja para os “mortos” como para os vivos, mesmo os bastardos e excluídos da sociedade são revestidos de sentimento e significado para a comunidade, seja trazendo energias boas ou energias negativas, tudo terá significado dentro da cosmologia e nas crenças dessas comunidades.

3 – ESCAVAÇÕES DE URNAS DO SÍTIO NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO – ITAITUBA: DO CAMPO AO LABORATÓRIO

As escavações no sítio Nossa Senhora do Perpétuo Socorro ocorreram no âmbito do processo de licenciamento para a pavimentação da rodovia BR-163 (Trecho Garantã do Norte/ MT ao entroncamento com a BR-230) e da rodovia BR-230 (Trecho Miritituba a Rurópolis/PA). O sítio está localizado no município de Itaituba, no estado do Pará, na margem esquerda do rio Tapajós, em uma propriedade na saída do canal Piracaná.



Figura 1 - Localização do sítio N.S.P. Socorro em imagem de satélite. Base Cartográfica: Google Maps.



Figura 2 - Área aproximada do sítio Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Base Cartográfica: Google Maps.

As escavações ocorreram em três etapas. As duas primeiras consistiram no salvamento arqueológico de urnas que estavam aflorando em superfície e a terceira etapa compreendeu mapeamento topográfico, prospecção geofísica e salvamento de outras urnas que não foram resgatadas nos momentos anteriores. A primeira etapa foi desenvolvida entre os dias 20 e 29

de julho de 2009, a segunda entre 19 e 29 de outubro de 2009 e a terceira entre 15 e 25 de maio de 2010.

A parte mais elevada do sítio é constituída por um terreno semiplano, onde se localiza a residência, a frente dessa casa dá para o rio Tapajós e a medida que se caminha em direção ao rio, o local apresenta um declive. Existem diversas construções sobre o terreno, assim como muitas árvores frutíferas, existe também uma grande área de pasto com gado bovino e criação de animais domésticos, localizadas na parte de trás da casa.

O material oriundo desse sítio foi coletado em duas áreas de escavação, a Área de Escavação 1, que se localiza nos fundos da residência e a Área de escavação 2, que se localiza na frente da casa, na área mais próxima do rio, em um terreno semiplano, cercado por muitas mangueiras grandes e outras árvores.



Figura 3 - Frente e fundos da casa. Acervo Projeto BR-163 e BR-230

A área de escavação 1 é praticamente plana e desprovida de vegetação. Esta área é varrida e pisoteada constantemente tanto por pessoas quanto animais, o que contribuiu para o afloramento das vasilhas. Nesta área foi aberta uma escavação 2 x 1 m na primeira etapa de campo. Na segunda etapa, essa escavação foi ampliada em três direções, identificadas como: extensão trincheira, extensão A e extensão B. Por fim, foi escavada na terceira etapa de campo outra unidade chamada de 6, quando foram realizados os procedimentos de levantamento topográfico e prospecção geofísica.

A área de escavação 2 localiza-se na frente da casa, próxima do rio, onde o terreno é semiplano com um leve declive em direção ao rio. Essa área está limitada por um barranco de aproximadamente 13 m de altura em relação ao rio na estação seca, podendo haver variação e diminuir com a cheia do rio. A escavação 2 foi aberta com a intenção de investigar a presença de uma vasilha grande aflorando na superfície, e localizou-se aproximadamente a 27m a sudeste da área de escavação 1, em local onde existe grande quantidade de árvores frutíferas,

principalmente mangueiras com raízes grandes e extensas (raízes superficiais). Como a área 1, essa área também foi encontrada muito perturbada por ações antrópicas.



Figura 4 - Croqui do sítio mostrando as áreas de escavação

As escavações realizadas nas três etapas renderam 1.577 fragmentos cerâmicos, 151 fragmentos líticos, três "vasilhas" cerâmicas e 12 supostas urnas funerárias. Em campo, as vasilhas foram chamadas de urnas ou vasilhas, em função, provavelmente, de seu tamanho e disposição. Ainda no campo, após a escavação e retirada dessas vasilhas e urnas foi realizada uma ligeira limpeza de sua superfície e do sedimento aderido ao corpo destas para que fossem então embaladas para o transporte.

Observou-se que as urnas e vasilhas, mesmo antes das escavações, haviam sofrido processo de degradação. Muitos desses "traumas" no material tiveram origem em processos tafonômicos, seja com quebras pelo deslocamento das raízes das árvores, pela umidade, ou mesmo devido às intervenções antrópicas, que quebraram e podem até mesmo ter destruído material osteológico de dentro de algumas urnas.

3.1 - Área de escavação 1

Na área de escavação 1 foram encontradas de início as urnas denominadas 1 e 2. Estas estavam junto à porta dos fundos da residência dos atuais moradores do local, com suas bordas bem visíveis, tanto pela ação das chuvas, que lavam essa área do terreno, retirando o sedimento que as cobre, como pela limpeza por meio de varreduras constantes.



Figura 5 - Vista das Urnas 1 e 2 na frente da casa antes das escavações.

Delimitou-se inicialmente uma área de 2x1 m para a escavação, englobando as bordas das vasilhas visíveis em superfície. Durante a escavação foram aparecendo outras vasilhas. Ao atingir-se o solo estéril e exporem-se as vasilhas, surgiu a necessidade de expandir a escavação para que todas as vasilhas fossem retiradas.

Foram abertas na segunda etapa de campo, duas extensões para essa unidade (Extensões A e B), justamente para investigar e retirar possíveis vasilhas ou urnas que estivessem associadas. A Extensão A foi aberta com o intuito de investigar o aparecimento de outras vasilhas ou urnas, e fazer a retirada da urna 4, haja vista que mesmo após a abertura da extensão trincheira não havia sido possível retirá-la.

A Extensão B (localizada ao sul da extensão trincheira e a oeste da unidade 1) foi aberta para investigar a urna 6, que estava aflorando na superfície.

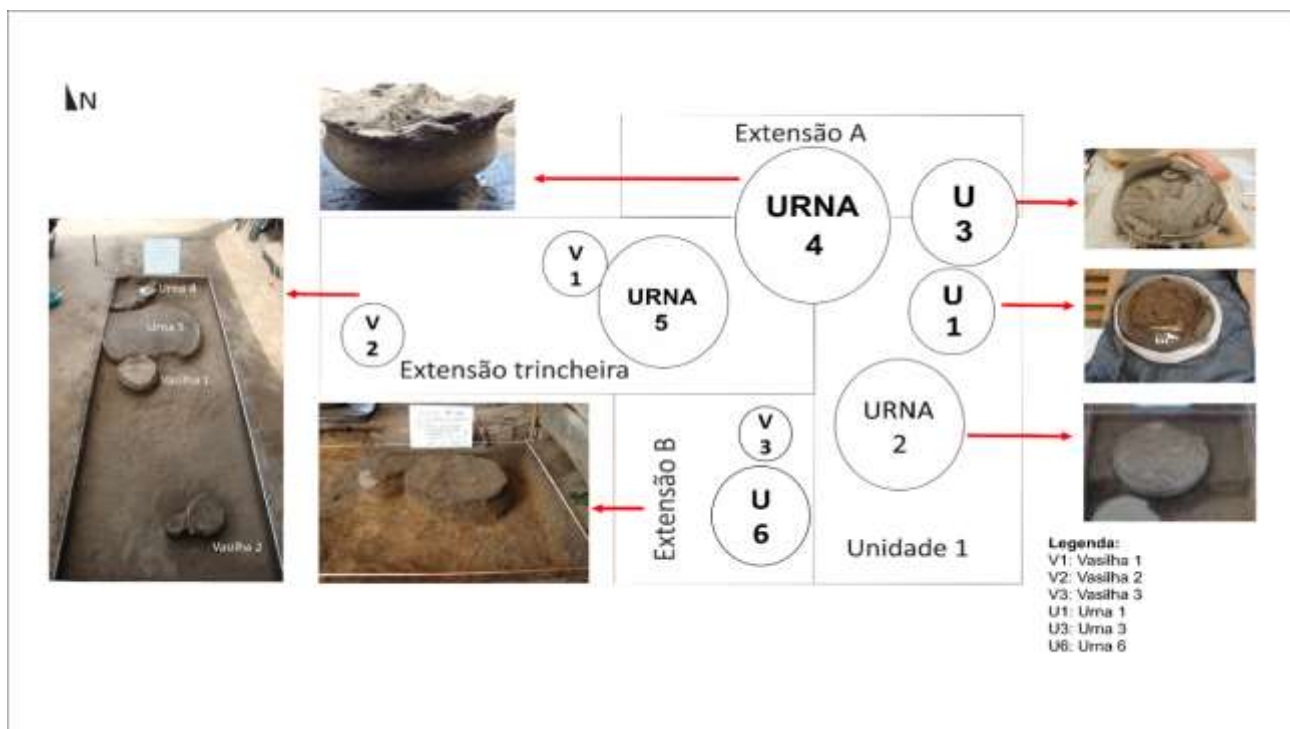


Figura 6 - Disposição das vasilhas na área escavada. Fotos do acervo Projeto BR-163 e BR-230.

A unidade de escavação denominada de "extensão trincheira" foi aberta também na segunda etapa de campo, a partir da visualização de uma quarta vasilha (Urna 4), que havia sido identificada anteriormente, no canto noroeste da escavação 1, e que naquela ocasião não pode ser investigada e retirada.

Ainda na área de Escavação 1, foi aberta outra unidade, denominada de escavação 6, na terceira etapa de campo.

O que chamou a atenção foi a vasilha 2, pois apresentou um pote menor e decorado ao seu lado. Não se percebeu também alterações estratigráficas que indicassem o formato do buraco dentro do qual as vasilhas foram depositadas. Nas paredes norte e oeste da unidade de escavação 1, entretanto, onde foi coletada a urna 4, foram identificadas duas marcas de esteio respectivamente com 21cm e 15cm de profundidade.

3.2 – Área de escavação 2

A Área 2 foi escavada na segunda etapa de campo. Na área 2 foram abertas 5 unidades de escavação 1 x 1 m (unidades 1 a 5).

A unidade 2 foi aberta para a investigação de uma vasilha ou urna, denominada 7, que estava aflorando na superfície. Durante a escavação apareceu outra vasilha no canto nordeste da unidade, chamada de urna 8.



Figura 7 - Urna 7 e o aparecimento da Urna 8 no canto nordeste da unidade aos 11 cm escavados. Acervo Projeto BR-163 e BR-230.

Uma vez que a urna 8 estava no canto da escavação, presa nas paredes, foram realizadas expansões de 50 cm nas direções norte e leste, conforme mostra o croqui abaixo.

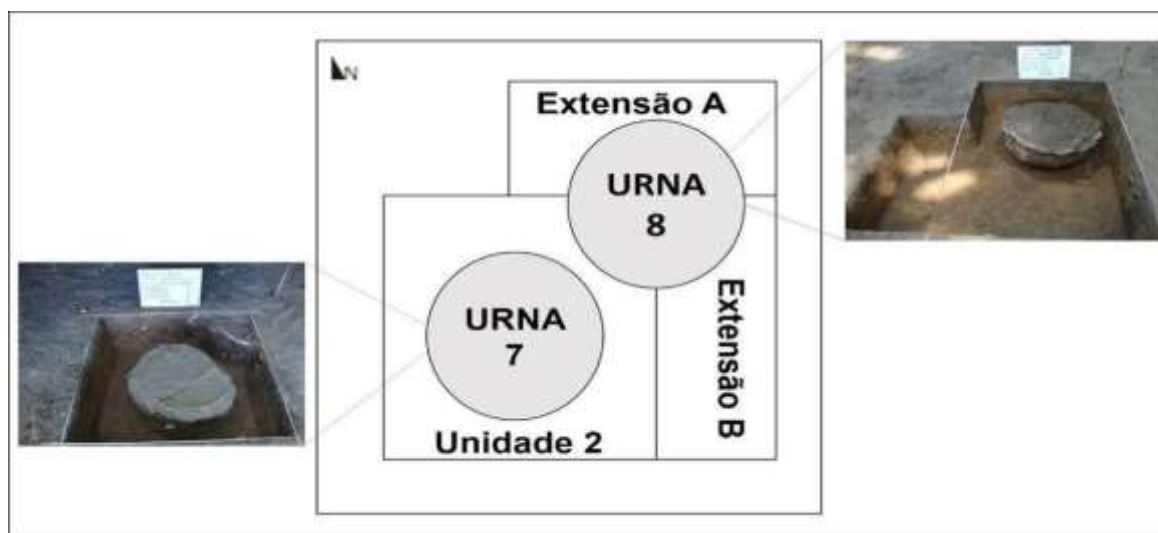


Figura 8 - Disposição da extensão A e B na unidade 2. Fotos do acervo Projeto BR-163 e BR-230.

Foi aberta ainda outra unidade de escavação 1x1 m (unidade 3), distante 2,40 m a sudeste da unidade 2, para investigar e retirar o que seria uma urna (denominada 9) com borda aflorando na superfície.

A unidade 4 foi aberta a 3 m na direção sudeste da unidade 3, com o objetivo de investigar e fazer a retirada de mais uma vasilha, que foi denominada urna 10. Esta unidade e a área onde estava localizada a urna, foi encontrada muito perturbada por raízes e pelo processo de ocupação do terreno, que é atestado pelo estado de fragmentação dessa vasilha.

A unidade de escavação 5 foi aberta a 7 m na direção sudoeste da unidade 4, embaixo de uma mangueira, quase em frente à varanda de entrada da casa. Esta unidade de escavação também foi aberta para retirar um vasilhame ou urna (denominada 11) com a borda aflorando.

As urnas e vasilhas escavadas nesse sítio estavam enterradas em solo bastante argiloso e compacto, possivelmente situadas abaixo da camada original de ocupação. Em quase todas as escavações não havia vestígios materiais diferenciados no entorno ou misturados ao sedimento.

Ao fim da escavação do Sítio Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, todo o material resgatado no sítio foi enviado para o laboratório de arqueologia da Universidade Federal do Pará. Para essa pesquisa foram escavadas nove das 12 urnas e duas das três vasilhas coletadas¹. As escavações permitiram inferências sobre a ocupação do sítio e sobre as práticas de sepultamento.

4 – Metodologia de escavação em laboratório

A metodologia² utilizada teve por objetivo extrair o maior número de informações possíveis de materiais muito degradados, visando a interpretação das práticas funerárias no contexto do sítio arqueológico estudado.

Em um primeiro momento todo o material foi fotografado e descrito após sua retirada da reserva técnica, utilizando-se uma ficha de escavação, onde no tópico denominado de “superfície” ou “sobre a urna”, constam informações sobre o modo de acondicionamento. Segue-se então com as medições do tamanho da urna ou vasilha e a descrição de aspectos gerais como a existência ou não de materiais que estejam visíveis e a presença de material “avulso” ou não.

¹ Não foram escavadas para essa pesquisa as urnas 2, 10 e a vasilha 1. Tais urnas e vasilhas já estavam desmontadas e armazenadas em caixas arquivo. Outra urna chamada em campo de 12 também foi encontrada no sítio, mas foi escavada por Gizelle Morais no laboratório da UFOPA.

² A metodologia utilizada para a escavação das urnas e vasilhas em laboratório é semelhante ao que foi adotado no curso de extensão ministrado pela Prof. Dr. Anne Rapp Py-Daniel, que manuseou as urnas e tirou as primeiras inferências sobre o material.

Em um segundo momento foi retirado o material que estava envolvendo e protegendo as vasilhas, com cuidado pois até então não se sabia em que condições estava o material, se tinha sido prejudicado com fraturas ou não durante o seu transporte. Novamente se fez uma série de fotos do processo de retirada da proteção.

O material oriundo de cada vasilha foi identificado com números sequenciais de acordo com sua procedência, sucedendo o número de identificação da vasilha. Desta forma, uma urna com numeração 1, terá as informações referentes a sua escavação seguindo a ordem de: 1.1; 1.2; 1.3 ... 1.40 em diante, o que facilita a localização de determinada informação na ficha e poderá ser referida de forma mais precisa.

As escavações das vasilhas em laboratório foram feitas em níveis artificiais de 5 cm, retirando amostras de sedimento a cada término de nível, possibilitando posteriores análises de solo, que podem verificar elementos químicos ou biológicos que indiquem uma possível presença de material osteológico, biológico e restos alimentares. As amostras de sedimento foram guardadas no laboratório junto ao material escavado. Para as referências de altura, quando se fez necessário, foram usados pontos fixos que pudessem servir de DATUM, sendo marcadas nas fichas de escavação o ponto e o modo como as urnas ou vasilhas estavam orientadas no momento da escavação.

A cada 5 cm de escavação e dependendo do material visível na urna, foi desenhado um croqui da base do nível, preenchidas as fichas e recolhido o material. Sempre que necessário um maior detalhamento foi usada uma folha separada para tal descrição. O registro fotográfico de cada nível também foi realizado, anotando-se na mesma ficha de escavação a numeração das fotos ao lado de cada observação. Quando não houve observações sobre o material no nível, anotou-se apenas a numeração das fotos que foram separadas em pastas referentes a cada urna ou vasilha, por ordem de níveis de escavação como: Urna 1 (pasta); Superfície (Sub-pasta); Nível 0-5 cm (Sub-pasta); Nível 5-10 (Sub-pasta) ... Nível 25-30 (Sub-pasta), até o fim da escavação e dos níveis.

Todo material lítico, cerâmico, ósseo, botânico e carvão foi coletado separadamente. Os sedimentos oriundos do interior dos vasos ou urnas foram peneirados antes do início de um novo nível ou mesmo do encerramento da escavação. Dependendo do grau de conservação e da fragilidade do material, organizou-se tudo em caixas arquivo, onde os materiais foram separados em sacos plásticos, numerados e etiquetados.

Sobre a identificação e análise de material osteológico e biológico foram utilizados alguns manuais de osteologia e conservação como: Pereira & Mello-Alvim (1978); Neves (1988); Lagunas (2000); Krogman & Iscan (2003); White & Folkens (2005); Krenzer (2006); Ubelaker (2008); Schaefer & Scheuer (2009); Lessa (2011).

5 – PRÁTICAS FUNERÁRIAS NO SÍTIO NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO

É fato a importância das práticas mortuárias para as comunidades pretéritas. Os estudos relacionados ao tema da morte não são recentes e vem da tradição antropológica, relacionando os processos funerários a conceitos alinhados a discursos sobre religião e religiosidade. É muito claro o comportamento do ser humano temente a morte, provavelmente como resultado de um comportamento instintivo, que levaria o ser humano a não enfrentar a ideia de fim completo, de aniquilação. Desta forma, a ideia de espírito e de existência de um mundo espiritual não se separam, são muito ligados, onde as experiências com o transcendente fazem o ser humano chegar à crença reconfortante de continuidade espiritual e na “vida” após a morte (Malinowski 2004[1925]).

Essa experiência com o transcendente através da religião ou religiosidade é base para a relação de temeridade entre o mundo dos mortos e o mundo dos vivos, principalmente quando o ser humano acaba fazendo uso de observações relacionados a sonhos, sombras e visões sobrenaturais para “animar” e dar sentido as diversas experiências no seu cotidiano (Hertz 1990, 2004[1917]; Robben 2004; Malinowski 2004[1925]).

O núcleo real do animismo está na mais profunda verdade emocional da natureza humana, ou seja, o desejo de viver. Assim, os ritos de luto e o comportamento ritual que acontecem imediatamente após a morte, podem ser tomados como padrão de um ato religioso, relacionado de forma mais geral aos dogmas e estruturas religiosas, enquanto que a crença na imortalidade, na continuidade da vida e no mundo inferior, podem ser tomados como o protótipo de um ato de fé, que se forma de uma maneira localizada; como exemplo, há evidências relacionadas às diversas crenças em uma mesma religião, em locais e em espaços diferenciados a partir de um mesmo axioma religioso ou crença mágica (Malinowski 2004[1925]).

Os atos de luto, no desespero de imitar o lamento, no tratamento do cadáver e na sua disposição, cumprem uma função importante e possuem um valor considerável para todas as

sociedades, tanto como consciência social, como significação e objeto de representação coletiva, ou mesmo como rito de passagem (Tylor 1920[1871]; Hertz 1990/2004 [1917]; Mauss 2003 [1926]; Van Gennep 2004[1909]). Essas ideias aparentemente generalistas estão inseridas de alguma maneira nos estudos sobre práticas mortuárias na Amazônia, seja no âmbito conceitual sobre a morte ou mesmo quando relacionadas a reflexões sobre os processos que envolvem as obrigações e ritos que levantam uma série de interpretações que, alinhadas aos estudos antropológicos e arqueológicos não deixam de ser perceptíveis na realidade local.

A partir do momento da morte há obrigação moral para com o morto. Seguem-se uma série de etapas fúnebres que alteram o cotidiano. Os processos que são relacionados às práticas de cuidado do corpo e de ações religiosas interferem na relação entre os indivíduos de toda a comunidade, seja no manuseio do corpo para determinado ritual, seja pelas regras ltuosas vindas do contexto cultural dessas comunidades. Esses momentos de obrigação são espaços diferenciados, sendo importantes na constituição dos laços sociais, bem como na reafirmação da cultura, da consciência coletiva e da identidade, isso fica muito claro quando os falecidos têm destaque social na comunidade, como um xamã ou líder e seus aparentados próximos.

Basicamente as práticas mortuárias tem três momentos essenciais: o sepultamento dos restos mortais do falecido; a garantia de paz a alma no limiar entre o mundo dos vivos e dos mortos e por fim, libertar a vida da comunidade das obrigações do luto, encerrando desta forma um ciclo social e cultural (Van Gennep 2004[1909]; Hertz 1990, 2004 [1917]).

Na Amazônia as práticas mortuárias são importantes e acontecem de diversas maneiras nas muitas comunidades indígenas, não diferindo dos três momentos essenciais dos atos da morte. Essas práticas dão margem a uma série de interpretações sobre o modo como essas populações pretéritas entendem os atos mortuários, sua relação com o mundo material e espiritual que acaba justificando, cada um à sua maneira, o modo como deve se tratar o corpo dos indivíduos, sempre no afã de libertação das restrições pós-morte, assim como pela importância em homenagear o falecido, findando assim com as obrigações culturais e rituais.

Não menos importante é a ideia de que em parte as práticas funerárias acabam desempenhando um papel inegável também para os vivos, sendo a outra parte do enterro preparado para o falecido, através de ações inseridas no contexto interpretativo de cada comunidade indígena. Neste sentido as práticas funerárias seriam a tradução material do ritual funerário, é essa parte da prática que acaba sendo acessível aos vivos hoje (Duday 2006: 47).

Quando essa prática não se faz acessível, o que resta é imaginar através da leitura da cultura material e de informações as vezes vagas, o que simbolizaria ou representaria a ação em determinado corpo, seu significado e o modo como se deu a prática no contexto do sítio escavado, visando entender uma parcela daquele ato ritual e funerário.

O ato de enterrar fornece aos arqueólogos uma variedade de informações sobre as práticas funerárias do passado e uma ideia sobre os contextos sociais. O ato de preparar o local para depositar os restos mortais de alguém é algo cuidadosamente pensado, envolvendo procedimentos que podem levar dias, meses ou mesmo anos em seu planejamento e em sua execução. O ato de inumar é um ato profundamente significativo com uma grande quantidade de significados (Pearsons 1999: 5).

Nesta perspectiva pretende-se vislumbrar interpretações sobre os sepultamentos na Amazônia, em especial evidenciar os processos mortuários relacionados à região de Itaituba, as influências culturais, as redes de contato, as mudanças culturais, ideias e cosmologias que possam mostrar diversos aspectos das práticas mortuárias, percebendo também os agentes envolvidos nas ações sobre o corpo do falecido. Deve-se levar em conta que nessas comunidades indígenas o tratamento dos corpos também está relacionado a diferença de status, envolvendo idade, sexo e posição social (Martins 2012; Py-Daniel 2015).

5.1 – Interpretações sobre o Sítio Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

No contexto das pesquisas já realizadas na região de Itaituba (Schaan 2003, 2010; Martins 2010, 2012^a, 2012b, 2012c; Rocha 2012; Py-Daniel 2015), os estudos sobre o sítio Nossa Senhora do Perpétuo Socorro podem colaborar para o debate sobre a diversidade das práticas mortuárias na região e os diversos modos de tratamento do corpo.

Levantamento feito por Py-Daniel (2015: 363-364) sobre as práticas funerárias nos relatos etno-históricos, em descrições etnográficas e pela história oral confirmam a grande diversidade de práticas funerárias existentes entre os falantes da língua Tupi, principalmente quando se fala na ação direta sobre o corpo. Sobre as práticas de sepultamento o que se percebe é a maioria dos sepultamentos feitos em urnas, de forma primária (quando os esqueletos são sepultados inteiros, articulados ou organização semelhante de quando sepultado), secundária (onde o indivíduo é desarticulado e disposto de forma artificial sem articulação, podendo ter uma organização intencional a partir das práticas funerárias de determinada comunidade) e ações diretas sobre o corpo como a queima do cadáver ou do

esqueleto e a cremação (quando se incinera o cadáver ou esqueleto reduzindo os mesmos a cinzas).

5.2 – Urnas Funerárias e Acompanhamentos

No contexto de escavação do sítio N. S. P. Socorro foram encontradas urnas e vasilhas. A distinção foi feita em função do conteúdo de cada uma, considerando urnas funerárias os vasilhames que possuíam em seu conteúdo material osteológico, enquanto que foram consideradas vasilhas aquelas que não contém em seu interior material que seja osteológico (Chmyz 1966, 1969; Souza 1997). Na Tabela 1, são apresentadas informações gerais sobre essas urnas e vasilhas. Essa distinção foi feita quando da escavação, o que ocasionou mudanças com relação à nomenclatura de campo.

A nova classificação indicou um total de 7 urnas funerárias e 7 vasilhas, algumas das quais podem ser consideradas acompanhamentos das urnas. Inicialmente são descritas as urnas funerárias (com ossos) e acompanhamento, em seguida as vasilhas (sem ossos). As descrições seguiram a ordem crescente da nova definição. Algumas descrições de forma só puderam ser feitas a partir da comparação de fotos de campo e da forma das urnas e vasilhas já em laboratório, haja vista que quase todas estavam bem deterioradas e ao fim das escavações ainda não tinha sido possível remontá-las.

Tabela 1 - Dados sobre Urnas e Vasilhas do Sítio N. S. P. Socorro

Nomenclatura de Campo	Diâm.	Alt.	Espessura das Paredes (cm)	Partes conservadas	Objetos associados	Presença de ossos	Definição
Vasilha 1	22	*	0,5-0,7	Parede	Não	Não	Vasilha 1
Vasilha 2	14	5.5	0,4-0,6	Base/Parede	Sim	Não	Vasilha 2
Vasilha 3	26	14	0,6-0,8	Base/Parede	Não	Não	Vasilha 3
Urna 1	55	19	0,6-0,8	Parede/Borda	Não	Sim	Urna 1
Urna 2	57	*	0,4-0,6	Parede/Borda	Não	Não	Vasilha 4
Urna 3	38	22	0,5-0,9	Parede/Borda	Não	Não	Vasilha 5
Urna 4	74	44	0,7-1,0	Base/Parede/Borda	Não	Sim	Urna 4
Urna 5	65	*	0,6-0,8	Parede/Borda	Não	Sim	Urna 5
Urna 6	32	*	0,5-0,8	Parede/Borda	Não	Sim	Urna 6
Urna 7	51	20	0,5-0,8	Base/Parede/Borda	Não	Sim	Urna 7
Urna 8	30	23	0,5-0,8	Parede/Borda	Não	Não	Vasilha 6
Urna 9	30	23	0,5-0,7	Base/Parede	Não	Sim	Urna 9

Urna 10	64	20	0,6-0,8	Parede	Não	Não	Vasilha 7
Urna 11	64	20	0,5-0,8	Parede	Não	Sim	Urna 11

Obs: * Sem informações sobre altura

Desta forma, apresenta-se abaixo a nova nomenclatura das urnas e vasilhas a partir dos dados da escavação para a área de escavação 1.

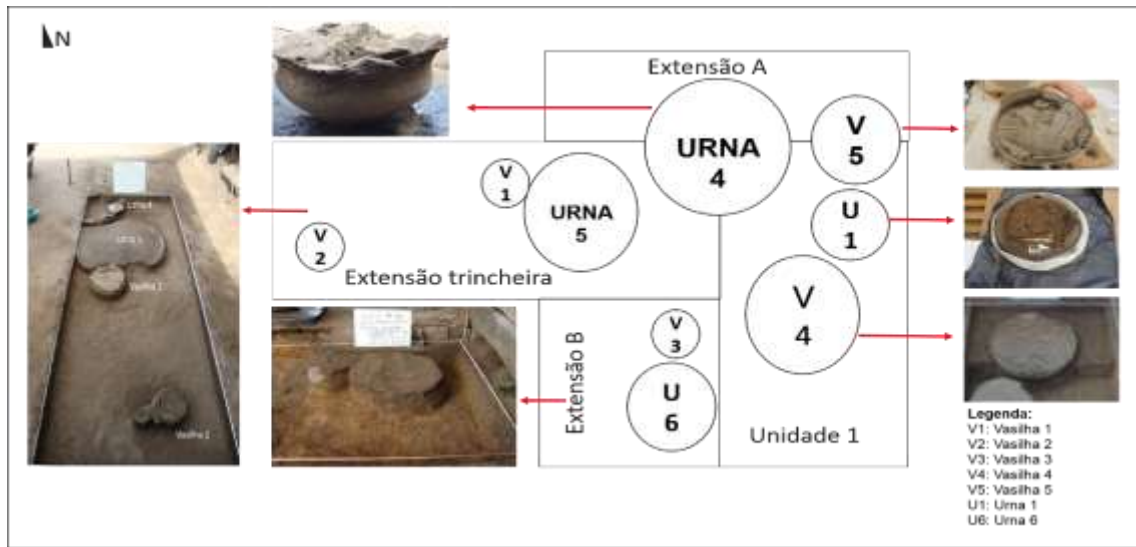


Figura 9 - Urnas e vasilhas renomeadas (Área 1)

5.3 – Urnas funerárias e acompanhamentos

Urna 1

A Urna 1 é um vasilhame de formato globular deprimido, com estreitamento de abertura logo antes da borda extrovertida, com lábio arredondado. Não possui decoração, mas possui paredes alisadas, com antiplástico de cauxi. O diâmetro de abertura é de 55 cm, a espessura da parede varia entre 0,6 – 0,8 cm e tem 19 cm de altura.

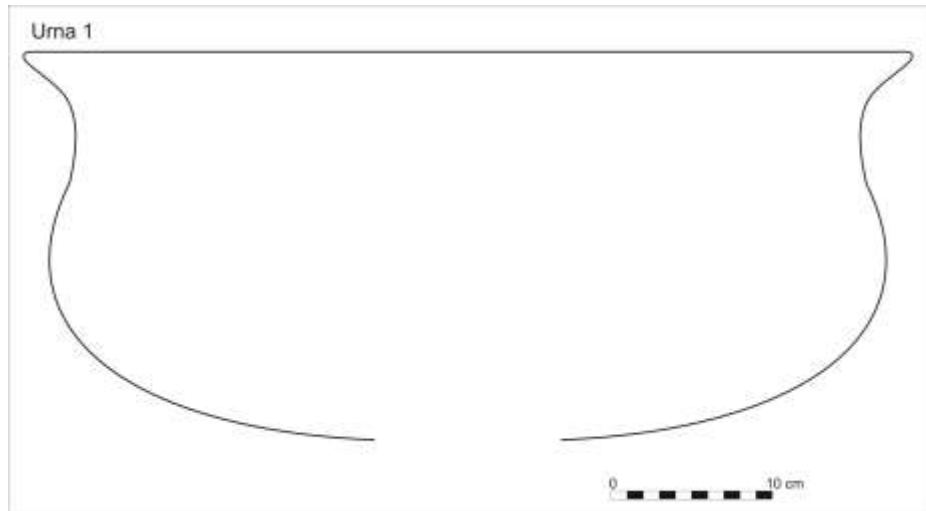


Figura 10 – Formato da Urna 1

Esta urna estava entre as vasilhas 5 e 4, e foi retirada de campo emborcada. Para sua retirada, foi deixado um pedestal de solo no seu fundo, que estava quebrado, preservando-se, dessa forma, o conteúdo do fundo (pedestal, na foto).



Figura 11 – Urna 1 emborcada e como foi retirada de campo.

Essa urna estava fragmentada em várias partes, e os ossos em seu interior estavam muito friáveis o que levou a consolidá-los com primal 5% (1 água: 1 álcool). A escavação foi feita primeiramente no bloco de solo que estava aderido ao fundo da urna, que com o transporte acabou se soltando.

Depois foi realizada a escavação do corpo da urna, mantendo-se a posição emborcada como veio de campo.



Figura 12 – Pedestal da urna 1, fragmento de osso longo no fundo da urna e no centro do pedestal.

Durante a escavação foram encontrados vários ossos longos paralelos em posição horizontal, no centro da urna. Esses ossos longos estavam muito deteriorados e sem a epífise, dificultando sua identificação. Pelo tamanho e espessura, sugere-se serem tíbia, fêmur ou mesmo o úmero.

Foram encontrados alguns fragmentos de dentes muito deteriorados e sem possibilidade de identificação no nível 5-10 cm, junto à concentração de ossos. Py-Daniel (2015: 236), quando iniciou a escavação dessa urna, observou que pelo tamanho do vaso, dos ossos, bem como pela disposição do material osteológico, existia a possibilidade do indivíduo ter sido colocado inteiro ou em pedaços ainda com as partes moles, apesar de não ter tido a oportunidade de verificar se havia algum tipo de disposição que mostrasse certa articulação entre os ossos; observou ainda que caso o indivíduo estivesse articulado no interior da urna suas pernas estariam flexionadas logo abaixo dele.

Sobre um possível sepultamento primário Ubelaker (2008: 56) fala que é importante perceber a existência de articulações, já que a disposição dos ossos em posição anatômica correta indicaria em que momento do enterro se conservou os músculos, ligamentos ou outros tecidos, ainda sobre as articulações enfatiza que podem ser de dois tipos, a primeira seria uma articulação completa onde todos os ossos estão em posição correta anatomicamente e a outra seria parcial em que alguns ossos estão em posição anatômica.

Com o decorrer da escavação se observou que pelo modo como os ossos da urna 1 estão deteriorados, bem como por não mostrarem clara identificação de articulação entre os mesmos, seja completa ou parcial, não podemos inferir um sepultamento primário.

O que caracterizaria um sepultamento primário para essa urna seriam basicamente as relações anatômicas entre os ossos, fator que não foi percebido, o que ficou claro foi um alinhamento dos ossos longos, paralelamente ao fundo e no centro da urna, sem uma relação anatômica, indicando portanto uma organização intencional de ossos em sepultamento secundário. Ficou evidente também que não existem todos os ossos, o que remeteria a possibilidade de escolha dos ossos a serem sepultados, fatores e observações que nos levam então a conclusão de que se trata de um sepultamento secundário.

Tais práticas de sepultamento coincidem com o relato de Hartt (1885) sobre a presença de ossos e dentes em urnas funerárias, com ossos longos de membros superiores e inferiores alinhados de forma paralela e que não sofreram incineração. Dados etnográficos indicam a possibilidade de sepultamento de apenas alguns ossos do indivíduo, quando este morre fora da aldeia. Hilbert (1958), por sua vez, nos informa que as os sepultamentos escavados por ele basicamente eram secundários, com a presença de ossos longos, sem oferendas dentro ou fora das urnas, se assemelhando à urna 1.

Além desses foram encontrados ossos pequenos não identificáveis e dispostos de forma desorganizada entre os ossos longos (ver figura 13). Esses ossos estavam muito aderidos ao sedimento, impossibilitando a sua identificação. Outra observação refere-se à inexistência de base, talvez porque a inexistência nessas urnas remeteria a práticas simbólicas ligadas a morte dos vasos juntos com os indivíduos (Py-Daniel 2015: 302), essa ausência facilitaria o desaparecimento dos vestígios nessa urna, simbolicamente pode-se pensar no desaparecimento dos vestígios junto ao sedimento por ações diretas sobre esses materiais ósseos, representando também um ato final.



Figura 13 - Ossos longos e grande quantidade de osso pequenos no interior da urna entre os três ossos longos visíveis. Fotografia de Diego Barros.

Urna 4³

A Urna 4 é um vasilhame de formato globular deprimido, formando antes da borda um estreitamento semelhante a um pescoço, para depois abrir, com bordas diretas e lábio arredondado. Não há decoração, as paredes são alisadas, antiplástico é de cauxi, possui um diâmetro de abertura de 74 cm, 44 cm de altura; a espessura das paredes varia entre 0,7 e 1,0 cm. Sua base é plana.

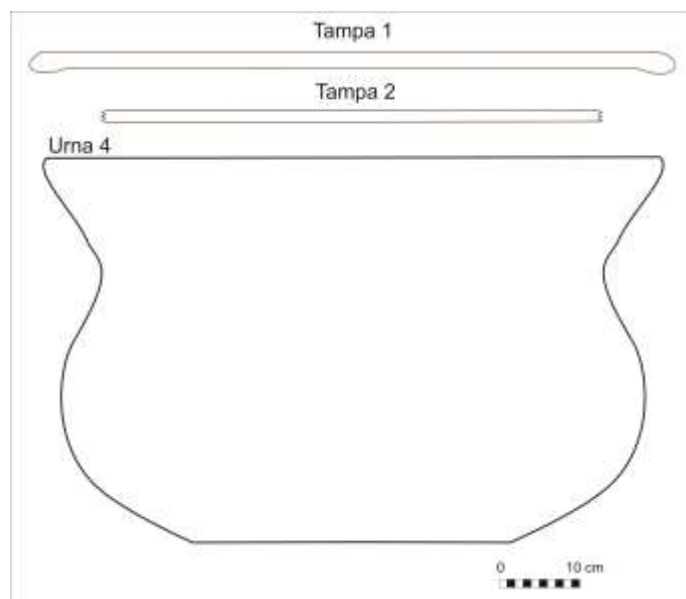


Figura 14 - Reconstituição da Urna 4

³ As urnas 2 e 3 foram renomeadas como vasilhas e serão descritas depois.

Essa urna foi encontrada aflorando entre a unidade 1, extensão A e extensão Trincheira (ver figura 9), sendo retirada de campo ainda inteira, envolvida com atadura e plástico filme para evitar ainda mais fraturas durante o transporte de campo para o laboratório.

A urna possuía duas tampas, que estavam fragmentadas e havia caído para dentro da urna. Assim como a urna, as tampas também possuem antiplástico de cauixi. No nível 0-5 cm, foi encontrada a primeira tampa com espessura entre 1,9 – 2,5 cm, de formato circular e quebrada em grandes fragmentos. O diâmetro dessa tampa é maior do que a boca da urna. Possui base plana com parede e borda formadas por apenas um ou dois roletes, sendo provavelmente um assador reutilizado (Py-Daniel 2015: 236). Após sua quebra, possivelmente no centro, a tampa acabou se acomodando junto às paredes da urna. Não chegou a se deslocar para o fundo, pois existia ali outra tampa, abaixo dessa primeira. A segunda tampa tem espessura de 1,3 – 1,9 cm (ver Figura 15) e estava no nível 15-20 cm, também estava fragmentada. Abaixo da segunda tampa, apareceu uma quantidade considerável de fragmentos ósseos e dentes.



Figura 15 - Tampas urna 4: (A) Tampa 1; (B) Tampa 2; (C) Blocos de escavação. Acervo Projeto BR-163 e BR-230.

Os fragmentos dentários foram as evidências que mais se preservaram nesse contexto, permitindo a identificação de alguns dentes. Durante a escavação em laboratório foi percebida

a existência de três concentrações de sedimento contendo ossos e dentes, estes foram nomeados de A, B e C (ver Figura 15). A concentração A foi a que evidenciou uma sequência de 6 dentes que correspondem aos 3º, 2º e 1º molares, 2º e 1º pré-molares e o canino. Esses dentes possibilitaram a identificação de idade morte do indivíduo como sendo superior a 20,5 anos; entretanto, a ausência de raiz nos dentes impossibilitou fazer alguma inferência mais precisa sobre a idade da morte (AlQahtani 2008).

Os dentes são referentes ao maxilar inferior esquerdo, isso devido o 3º molar apresentar cinco cúspides, caracterizando esse tipo de dente. A localização inferior se dá junto ao alinhamento dos dentes com declínio voltado para o interior (dentro) da arcada dentária. Os dados sobre esses dentes estão de acordo com sistema FDI (Fédération Dentaire Internationale), e são numerados como 38, 37, 36, 35, 34 e 33 (Harris 2005: 45) de acordo com a figura 16 .



Figura 16 - Dentes urna 4: (A) Sequência de dentes - 3º (38), 2º (37) e 1º (36) molares; 1º (35) e 2º (34) pré-molares e Canino (33); (B) Dentes utilizados para estimativa de idade a morte no mesmo bloco da figura A. Acervo: Projeto BR- 163 e BR-230.

Como destacado anteriormente, existe uma boa quantidade de ossos juntos a fragmentos dentários nos três blocos. Os dentes estavam tão frágeis que se quebravam facilmente a qualquer movimentação do sedimento na urna, muitas das vezes esfarelando-se. Os ossos nos blocos não eram iguais; nos blocos A e C apareceram em sua maioria ossos menores que não podem ser identificados devido ao fato de estarem muito compactados no sedimento, não permitindo sua escavação, pois a menor movimentação próxima o osso se quebrava.

No bloco B, três destes dentes podem ser identificados. O dente superior aparentemente é um molar; os inferiores são um incisivo lateral e um incisivo central, sendo que o último tem um formato muito reto em sua estrutura externa, deixando dúvida sobre esse dente, pensando até que fosse um fragmento de osso, porém não existiam ossos perto desses dentes que se assemelhassem na forma, na cor e na estrutura (ver Figura 17). Fica muito claro que o molar está acima de um incisivo lateral, fato este que pode ser explicado pelo deslocamento dos dentes na movimentação do sedimento pela urna.

Os ossos longos estão concentrados sobretudo no Bloco C, e assim como na urna 1, aparentemente são tíbia, fêmur ou úmero, não podendo ser identificados de forma precisa já que não apresentam a epífise. O que parece ter acontecido nesse caso foi um rearranjo após o tratamento do corpo, pois os ossos longos não apresentam uma ordenação que se mostre referente à articulação. Os ossos estão bem alinhados um por cima do outro, o que caracterizaria por essa perspectiva um sepultamento secundário.



Figura 17 - (A) Ossos alinhados e com aparência de cremado; (B) Dentes: Molar (1), Incisivo Central (2) e Incisivo lateral (3). Acervo: Projeto BR-163 e BR-230.

Os ossos alinhados e a existência de dentes se assemelham às descrições de sepultamentos encontrados por Hartt (1885) e Hilbert (1958). Hartt (1885) menciona ter encontrado um sepultamento em urna que continha uma grossa chapa redonda de cerâmica sem decoração, posicionada de forma horizontal sobre a qual encontrou diversos ossos humanos de membros superiores e inferiores sem aparente incineração.

A coloração de alguns ossos encontrados nessa urna indicam cremação. A cremação/incineração é um processo de queima direta, que provoca alteração de coloração, podendo levar até a quebra ou pulverização. Apesar de não existir consenso sobre as

temperaturas e colorações, pode ser feita uma aproximação (Ubelaker 2008: 57; Shipman 1989: 311; Müller 2008: 57-64), como na tabela abaixo.

Tabela 2 - Relações entre as cores dos ossos e temperatura de queima

Mays, 1999		Shipman <i>et. al.</i> , 1984 (in MAYS, 1999)	
Temperatura °C	Cor	Temperatura °C	Cor
185	Vermelho/Laranjado	285	Branco ou amarelo
285	Marrom escuro/Preto	285-525	Marrom avermelhado, vermelho/amarelado, Cinza escuro/marrom ou cinza escuro.
360	Preto	525-645	Preto, azul ou vermelho/amarelado
440	Cinza/Marrom	645-940	Branco, cinza claro ou cinza azulado claro.
525	Cinza/Marrom (mais claro que a observada em 440°C)	940	Branco, alguns cinza ou vermelho/amarelado.
645-1200	Branco, ou amarelo pálido		

Fonte: Mays 1999: 217 in Müller 2008: 62.

Levando em consideração essa observação sobre queima, bem como o estado dos ossos estar melhor em relação aos da urna 1, o que nos chamou a atenção foi os ossos estarem amarelados mesmo sem a ação do consolidante, tendo um padrão de fratura semelhante a processos de cremação em ossos frescos (que parecer ser esse o caso dessa urna) ou com partes moles, observando então craquelamento, linhas de fraturas transversais e quebras longitudinais irregulares (Ubelaker 2008: 57; Shipman 1989: 311; Müller 2008: 57-64). Outra evidência é a presença de um fragmento de dente cremado (ver figura 18), que se diferencia do resto dos dentes, talvez por ter sofrido ação direta da fonte de calor, diferentemente dos outros. De forma geral a interpretação para esse contexto parece ser a possibilidade de cremação desses ossos em baixa temperatura, como parte da prática de sepultamento secundário.



Figura 18 – Fragmentos ósseos e dente cremado: (A) Sequência de ossos cremados fraturas transversais; (B) Dente cremado; (C) Osso cremado com ruptura longitudinal; (D) Osso craquelado; (E) Ossos com fraturas transversais. Acervo Projeto BR-163 e BR-230.

Uma série de relatos (Hartt 1885; Metraux 1947; Horton 1948; Chaumeil 1997; Rostain 2011) sobre práticas funerárias Mundurucu indicam o emprego da cremação, levando os ossos a cinzas que posteriormente são sepultados.

Schaan (2003:3) informa que na Amazônia existem uma série de indicações arqueológicas relacionadas às práticas de sepultamento secundário, e que consistem basicamente na identificação de ossos desarticulados. Os sepultamentos duplos ou secundários são comuns nas sociedades pré-históricas e coadunam com a ideia de ritos de passagem, desta forma, o corpo do indivíduo permanece em um local provisório, que em muitos casos pode ser um vaso grande, para que ocorra o processo de decomposição do corpo, seguindo da separação dos ossos.

Uma das formas de identificar essas práticas de decomposição nas urnas são furos em seu fundo, isso indicaria o uso da urna no processo de decomposição do corpo e o furo seria o local por onde se drenaria o líquido resultante da decomposição (Schaan 2003). A base da urna 4 apresenta esse furo (ver figura 19), indicando a utilização dessa urna para um processo de decomposição das partes moles e possivelmente uma posterior deposição dos fragmentos ósseos após a queima em baixa temperatura, caracterizando também um sepultamento

secundário, o que também explicaria o aparecimento de dentes abaixo dos diversos ossos longos como sendo fruto de uma arrumação intencional desses vestígios osteológicos.

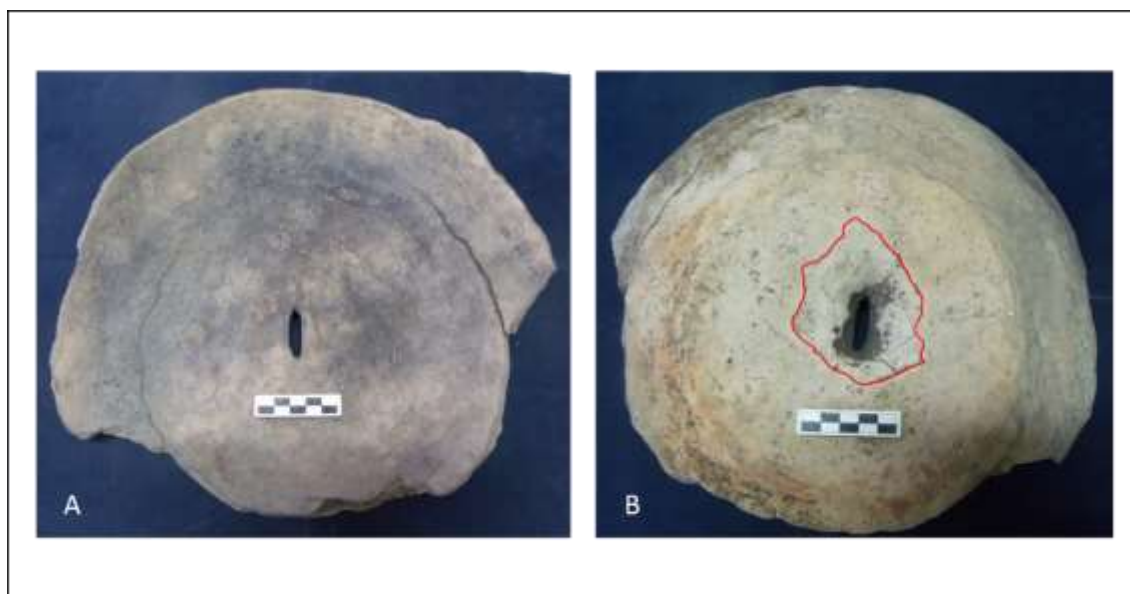


Figura 19 - Base da Urna: (A) Parte Interna; (B) Parte externa e perda de material cerâmico na área em destaque após o furo ser feito. Acervo Projeto BR-163 e BR-230.

A partir desses dados, podemos concluir que essa urna trata-se de uma urna diferenciada, não só por ser uma das maiores do conjunto, mas pelo modo como o tratamento do corpo aparentemente foi efetuado. É uma das poucas urnas que tem base e ainda um furo intencional, visando a eliminação do líquido vindo do processo de putrefação das partes moles, já que esse furo parece ter sido feito após a queima da cerâmica, de dentro para fora, força essa que fez com que uma parte da cerâmica se desprende-se no lado externo da base (ver Figura 19).

Tais indícios nos informam então que a urna 4 foi utilizada duplamente, em um primeiro momento para o depósito primário possivelmente ainda em articulação de um ou dois indivíduos (ou partes deles), para que estas partes moles se desprendessem dos ossos, e após o descarne, o segundo uso após os ossos sofrerem queima ainda frescos em baixa temperatura, seguido da deposição final.

Pela análise de idade a morte através do dente do indivíduo tratava-se de um jovem adulto, que possivelmente tinha grau de importância para a comunidade, já que até o momento essa foi a única urna que apresentou uma interpretação de tratamento da morte

diferenciado e dividido em dois momentos (descarne e queima) e que supostamente demandou um período prolongado nos processos rituais de sepultamento.

Urna 5 e Vasilha 1

A Urna 5 é um vasilhame de contorno simples, raso, que tem formato aberto, não possui nenhum tipo de decoração externamente ou internamente, suas paredes são alisadas de forma regular, sua boca possui formato circular, possui borda direta e lábios arredondados, seu antiplástico é caco moído e cauxi, o seu diâmetro de abertura é de 65 cm, não possui informações sobre a sua altura, a espessura da parede varia entre 0,6 – 0,8 cm.

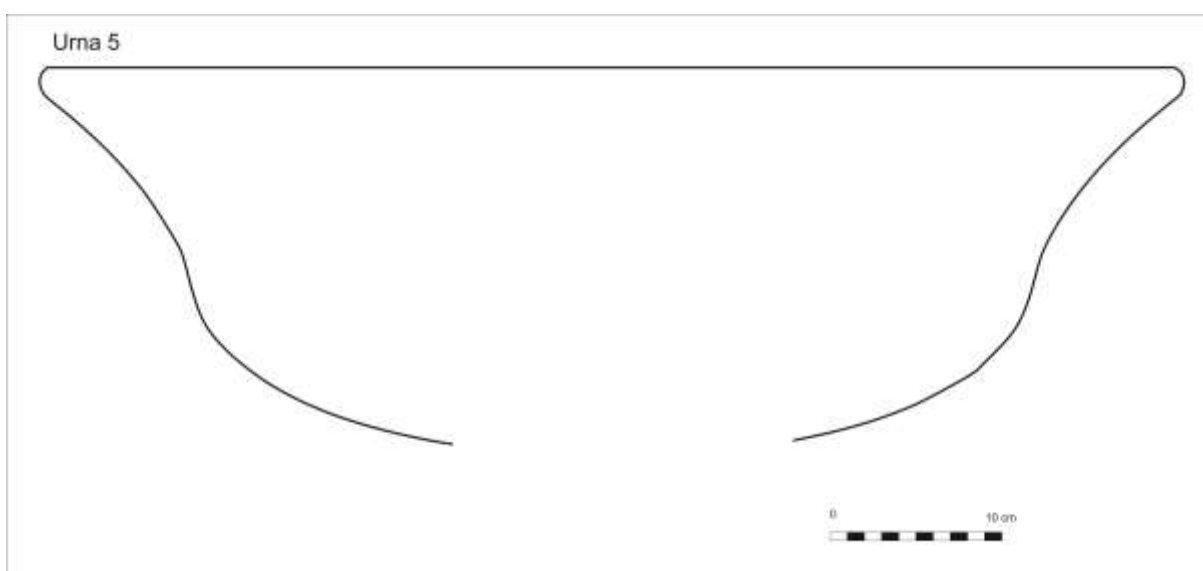


Figura 20 - Forma da urna 5

Em campo a urna estava inteira, localizada na extensão trincheira entre a urna 4 e a vasilha 1 (ver Figura 9); sua borda estava aflorando assim como as demais.

Na escavação em laboratório, ao abrir a proteção da urna percebeu-se que seu transporte e manuseio fragmentou-a em três blocos de sedimentos, que foram nomeados de blocos A, B e C. O Bloco A, com 21cm de altura, concentrava fragmentos cerâmicos em seu centro.

O Bloco B, com 18 cm de altura, era basicamente composto por sedimento, com alguns poucos fragmentos cerâmicos e um fragmento lítico. O Bloco C, com 22 cm de altura, também tinha em seu conteúdo sedimento, um possível osso longo, alguns fragmentos líticos e cerâmicos. A essa urna estava associada a vasilha 1.



Figura 21 - Sedimento e possível osso longo na Urna 5

A ausência da base da urna pode ter contribuído para a deterioração do material osteológico, impossibilitando relacionar diretamente essa urna a algum tipo específico de prática mortuária. A urna é semelhante às urnas largas e rasas como panelas encontradas por Hartt (1885), na localidade de Cafezal, na margem esquerda do rio Tapajós.

Talvez, exista a possibilidade dessa comunidade ter feito um ritual de sepultamento apenas para uma parte desse corpo, prática comum quando o indivíduo morria fora da aldeia, ação também relacionada aos índios Mundurucu. A ausência de um número maior de outros vestígios osteológicos e de fragmentos de dentes pode indicar essa possibilidade. Também não foram encontrados vestígios de ossos incinerados misturados ao sedimento da urna, prática ritual também comum entre os Mundurucu, o que existe é a presença de uma pequena vasilha (Vasilha 1) que está associada à urna e que pode ser considerada como um acompanhamento.

A Vasilha 1, com 22 cm de diâmetro de boca, foi escavada em campo (Schaan 2010: 26). A espessura das paredes varia entre 0,5 e 0,7 cm, não apresenta decoração interna ou externa, suas paredes são alisadas de forma irregular, seu antiplástico é de cauixi. Em campo esta vasilha estava inteira, colada à urna 5, mas um pouco acima.

A Vasilha 1 estava um pouco acima da urna 5, o que pode indicar momentos de ocupação ou de sepultamentos diferentes, indicando o uso do espaço por um período de tempo que ainda não se pode precisar, pois ainda não existe datação para o sítio.

Urna 6 e Vasilha 3

A Urna 6 é um vasilhame de formato semi-esférico, não possui decoração interna ou externa, suas paredes são alisadas de forma regular, seu antiplástico é de cauxi. Foi encontrada borda extrovertida com incisões no lábio no interior (ver figura 23). A urna possui diâmetro de abertura de 32 cm, mas não se sabe a altura. A espessura da parede varia entre 0,5 e 0,8 cm. Para da urna estava fragmentada e aderida ao sedimento em seu interior.

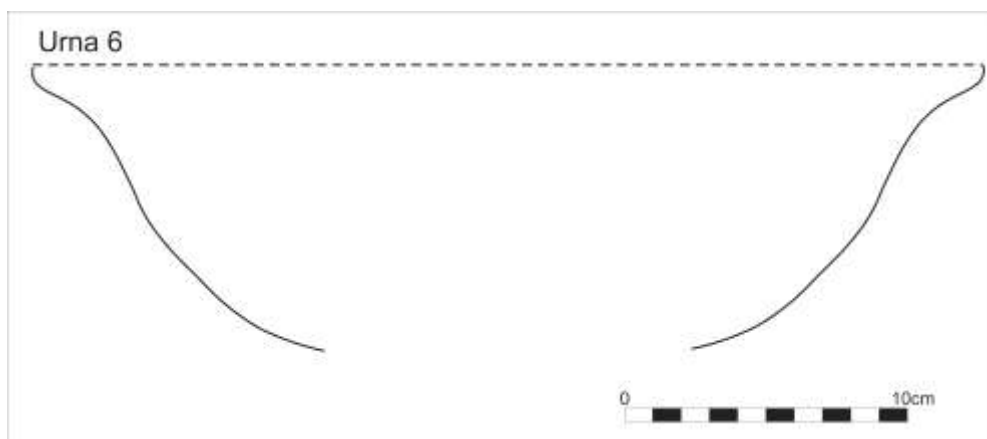


Figura 22 - Forma da urna 6

Devido ao transporte para o laboratório a urna ficou dividida em dois blocos (A e B) que ao serem escavados consistiam basicamente de sedimento com alguns fragmentos cerâmicos em seu interior e poucos fragmentos ósseos deteriorados.

O Bloco A apresentou apenas parte do corpo e da borda junto ao sedimento, sem base. Como essa urna está localizada muito próxima à saída da cozinha atual e sendo a área de intensa movimentação de pessoas, o conteúdo cerâmico em seu interior parece ter sido bem remexido com o passar do tempo.

O Bloco B mostrou um material muito diferente do que nas demais urnas, pois existia em seu interior junto ao sedimento uma porca de metal, arame, seixo e uma tacha de metal. No entanto ocorre o aparecimento de fragmentos ósseos muito deteriorados, o que impossibilitou a identificação precisa dos ossos; muito próximo a essa urna existia a Vasilha 3, que pode ser um vasilhame de acompanhamento.

Essa urna mostra outro caso de sepultamento secundário. Pelos poucos fragmentos ósseos encontrados, talvez remeta à prática de sepultarem somente alguns fragmentos de ossos selecionados, mas que mostra o costume de enterrar alguns bens dessas pessoas como acompanhamento funerário. A Vasilha 3 é a única nesse conjunto a possuir engobo vermelho na sua parte externa, o que pode representar certo grau de importância desse indivíduo.



Figura 23 - Urna 6: (A) Cerâmica no bloco A ao fim da escavação; (B) Cerâmica com incisão na borda; (C) Borda. Fotos do acervo Projeto BR-163 e BR-230.

A Vasilha 3 tem formato semi-esférico, paredes alisadas com engobo vermelho. As bordas estão faltando. O antiplástico é o cauixi. Em campo foi medido um diâmetro de abertura equivalente a 26 cm entre o que pensava-se ser a sua borda, tinha 14 cm de altura, a espessura de sua parede varia entre 0,3 e 0,5 cm.

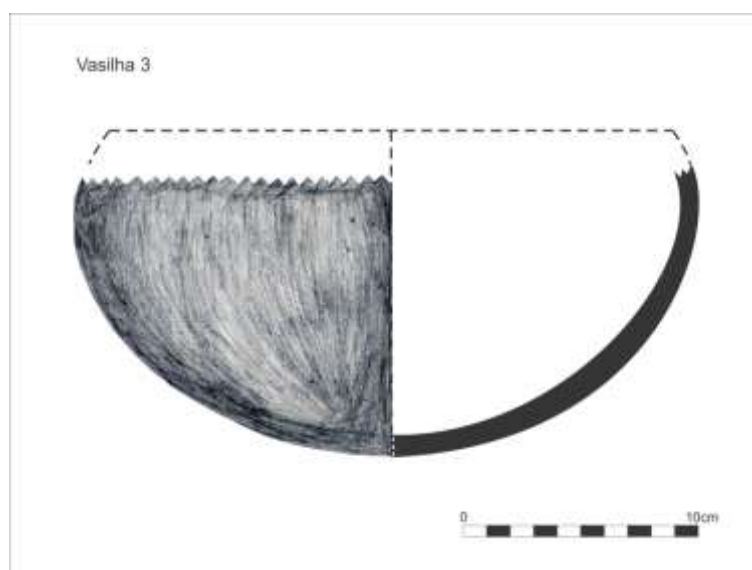


Figura 24 - Forma da vasilha 3.

Também estava localizada perto da saída da cozinha da residência, contudo não apresentou material histórico em seu interior. Existiam possíveis fragmentos ósseos que não

puderam ser identificados se humanos ou de resto de fauna, pois estavam muito deteriorados, impedindo inclusive perceber que tipo de ossos tratava-se, seu tamanho, se foram cremados ou não, haja vista que estes pequenos fragmentos estavam muito compactados ao sedimento, em alguns momentos parecendo estarem triturados.

A vasilha 3 se assemelha às vasilhas descritas por Hilbert (1958: 11) principalmente pelo engobo vermelho na parte exterior, que apesar de encontrar as urnas em área de influência dos Mundurucu, não acredita que sejam referentes a esse povo, pois trabalha com a ideia destes serem ocupantes relativamente recentes da região do Tapajós, apesar dos mesmos viverem nas áreas das missões naquele momento, pois afirma que esses índios não reconhecem o material, as técnicas decorativas e as práticas como sendo referente a eles.

Hilbert (1958: 4-5) menciona uma urna que foi utilizada para o enterro de uma criança, quando alguns fragmentos da própria urna foram usadas como tampa; os ossos em seu interior estavam esfarelados, ao lado dessa urna existia uma segunda urna muito quebrada e sem fundo, descrição que coincide guardada as devidas comparações de tamanho com as Urna 6 (sem base) e Vasilha 3.

O antiplástico também coincide com algumas vasilhas analisadas por Hilbert (1958: 6-9), contendo grande quantidade de caixi. O autor acredita que essas urnas funerárias sejam de ocupações indígenas anteriores e culturalmente diferentes dos Mundurucu históricos, chega a dizer que esses índios não conheciam a prática de sepultamento secundário, assim como utilizavam o caraipé como antiplástico, como faziam os Mundurucu do rio Cururú. Nesse caso nada podemos confirmar como sendo uma cerâmica tipicamente Mundurucu para essa vasilha, apesar de Py-Daniel (2015: 244) informar existir um estudo que vislumbra a possibilidade de uma ocupação Mundurucu mais antiga às margens do rio Tapajós, na região de Itaituba, o que nos levaria a uma afirmação sobre essa vasilha poder pertencer a esse grupo mais antigo e Mundurucu (Hilbert 1958; Martins 2012c; Py-Daniel 2015).

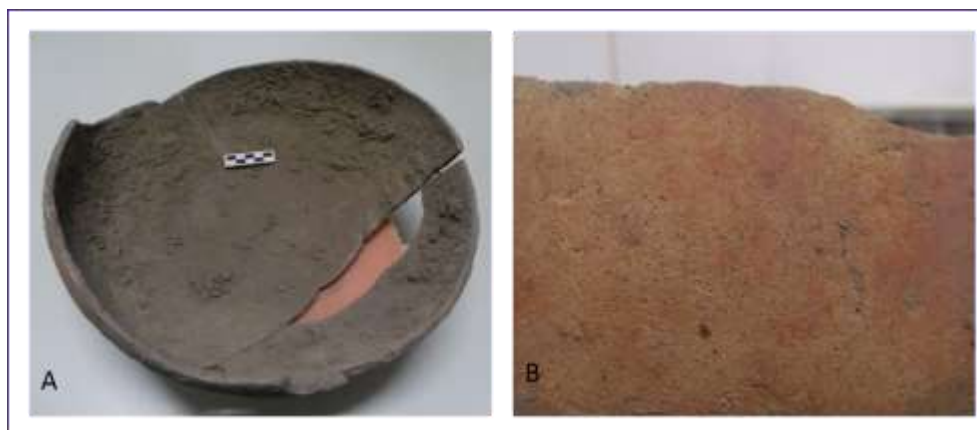


Figura 25 - Vasilhas 3: (A) Vasilha 3 ao fim da escavação; (B) fragmento da Vasilha 3 com engobo vermelho. Fotos do acervo Projeto BR-163 e BR-230.

Urna 7

A Urna 7 é uma vasilha de base reta, carenada, com pequeno e discreto pescoço de borda extrovertida. Há decoração com incisões apenas no lábio, o restante da vasilha é apenas alisado. O antiplástico é de cauxi. Possui 51 cm de diâmetro de abertura, mede 20 cm de altura, a espessura da parede varia entre 0,5 e 0,8 cm.

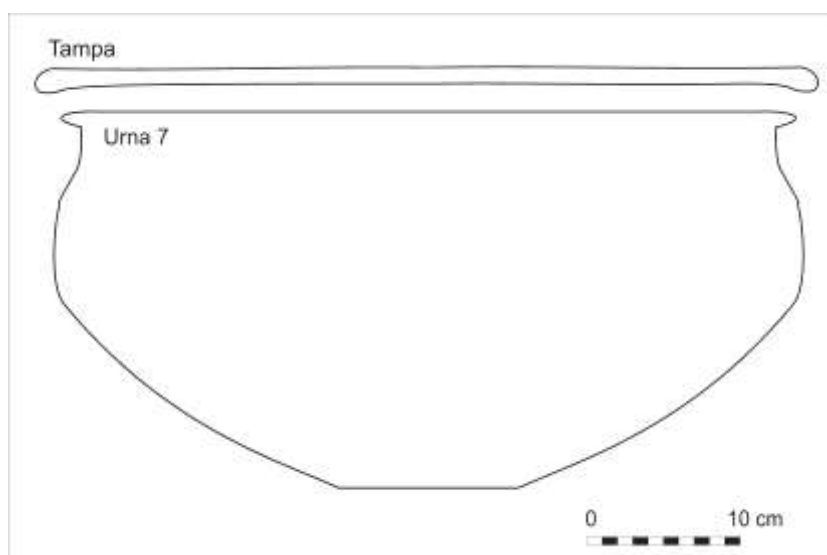


Figura 26 - Forma urna 7

A urna estava aflorando na superfície e apresentava uma série de raízes que quebraram suas paredes e a atravessavam. Para a retirada da urna foi necessário cortar as raízes. Além da tampa, quebrada em seu interior, foram encontrados ossos triturados dispersos por toda a urna junto ao sedimento.

Na literatura e nos relatos etnohistóricos é comum a prática de sepultamento secundário de cinzas, em especial o esqueleto de pessoas de alta posição, onde após o processo de descarne feito pelo grupo, queimavam seu ossos e a cinza era enterrada em urnas (Metraux 1947; Horton 1948; Hilbert 1958; Chaumeil 1997; Rostain 2011; Py-Daniel 2015). Hartt (1885) também descreve ter encontrado algumas urnas com fragmentos de ossos misturados à terra preta, ele teve a percepção de que esses fragmentos teriam sido incinerados.

A tampa pode reforçar a ideia de o indivíduo ter sido uma pessoa importante para a comunidade, já que somente em duas urnas foram encontrados tampa; para além disso é a única urna que se pode dizer ter material triturado, algo diferente das outras urnas, coincidindo com as informações de ossos esfarelados em urnas funerárias. Essa tampa estava quebrada em vários pedaços, sua espessura varia entre 0,9 e 1,2 cm, e estava misturada junto à fragmentos da própria urna. Assim como na urna 4 somente abaixo do nível 10 – 15 cm é que foram verificado fragmentos ósseos triturados dispersos bastante compactados ao sedimento. Esse tipo de sepultamento secundário de cinzas é bem comum nos relatos sobre os Mundurucu.



Figura 27 - Urna 7: (A) Raiz no interior da urna; (B) Sedimento e tampa da urna 7 (C) Tampa remontada. Fotos do acervo Projeto BR-163 e BR-230.

Outra observação refere-se à existência de fragmentos no interior da urna que pertenceriam a Vasilha 6, que estava próxima à urna 7, possivelmente por um deslocamento da cerâmica pela ação das raízes que estavam presentes nas duas urnas.

Urna 9

A Urna 9 tem contorno simples com formato globular, não possui decoração, as paredes são alisadas de forma regular, a borda estava ausente, a constituição do seu antiplástico é de cauxi, possui 30 cm de diâmetro de abertura, 23 cm de altura, e a espessura da parede varia entre 0,5 e 0,7 cm.

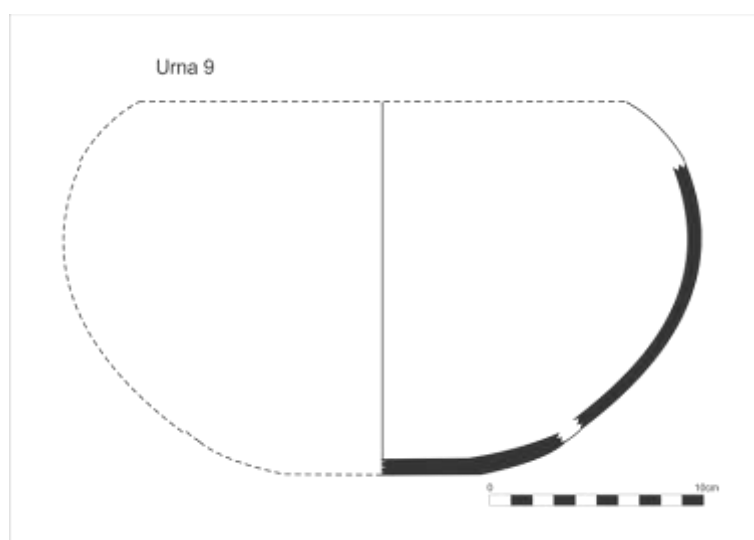


Figura 28 - Urna 9.

Em campo a urna estava aflorando assim como as outras, existiam raízes que a atravessavam e causaram diversas fraturas na paredes, sendo necessário cortá-las e envolver a urna com atadura e plástico filme para que não desmontasse ainda em campo.

No laboratório, essa urna apresentou fragmentos de ossos longos no nível 15 - 20 cm. Esses ossos localizavam-se ao centro da urna e no fundo. Assim como nas Urnas 1 e 4, o sedimento que envolvia os ossos aderiu de forma considerável ao material ósseo, dificultando a escavação e o detalhamento dos ossos. Esses ossos longos estavam arrumados de forma paralela entre si no fundo da urna acima da base, sendo a base o fator que deve ter contribuído para a conservação parcial desse material osteológico, diferentemente das urnas que não a apresentavam.

Nessa urna foi possível evidenciar uma costela (Lagunas 2000; Krogman 2003; White e Folkens 2005; Krenzer 2006; Skhæfer e Scheuer 2009) abaixo dos ossos longos, não apresentava organização que a caracteriza-se articulação, desta forma remetendo a um sepultamento secundário.

Nessa urna, foi encontrada aos 15 cm de escavação uma base emborcada. Hilbert (1958) quando descreve uma das urnas encontradas por ele informa sobre uma técnica de enterramento “improvisado”, onde colocaram o fundo de uma outra vasilha com a intenção de ser uma tampa protetora, separando os fragmentos ósseos do contato com o solo.

O termo improvisado me parecer ser indevido, haja vista que as práticas de sepultamento tem uma clara intencionalidade, essa forma como se percebe esses sepultamentos pelos de fora da comunidade não importa para aqueles que a produzem. O reaproveitamento de fragmentos cerâmicos pode ter sentido diferente da ação de improvisação, já que as práticas funerárias demandam tempo e dedicação, seja para algo mais elaborado, seja para uma organização dos vários fragmentos que visam separar o material ósseo do sedimento (Pearsons 1999).



Figura 29 – Urna 9: (A) Fragmento de costela e osso longo junto ao sedimento; (B) Ossos longos paralelos entre si.

Urna 11

A urna 11 tem contorno simples com formato globular, e pequeno estreitamento antes da borda direta. Não possui decoração interna ou externa, mas suas paredes são alisadas. A borda estava ausente, a não ser por uma pequena parte junto ao corpo inferior. O antiplástico é de cauixi. Tem altura de 20 cm, e a espessura da parede varia entre 0,5 e 0,8 cm.

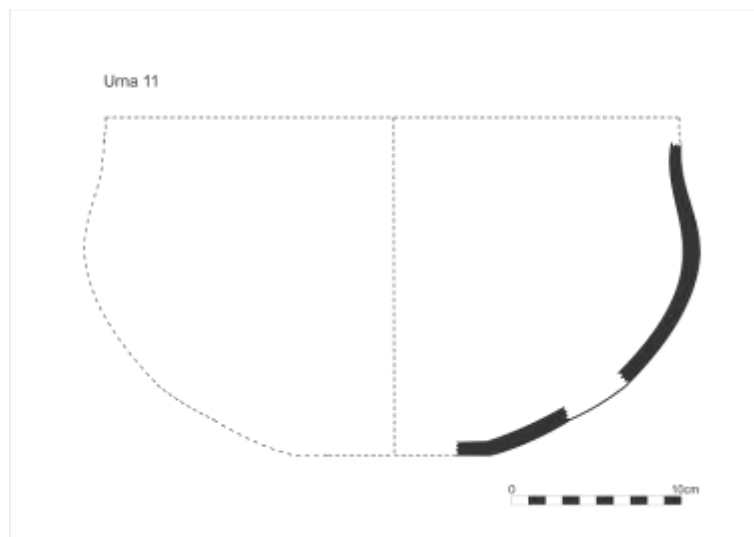


Figura 30 - Urna 11.

Esta urna estava aflorando em superfície com uma série de perturbações relacionadas a raízes, suas bordas foram totalmente destruídas e a parede sofreu uma série de quebras, existia a presença de raízes em seu interior, o sedimento estava muito endurecido, contudo foi possível verificar a presença de fragmentos de ossos muito deteriorados compactados ao sedimento entre o nível 10-15 cm, não sendo possível reconhecer forma ou mesmo o tipo de osso, já que aparentemente eles estavam triturados.

O fato dessa urna não ter base, tampa e estar com a borda totalmente quebrada, pode explicar que a intensa ação do ambiente sobre a urna não permitiu a conservação de maior quantidade de material osteológico ou algum fragmento dentário. A possibilidade então para essa urna é de materiais ósseos triturado assim como na Urna 7, haja vista que os fragmentos ósseos estavam espalhados pela urna e muito compactados ao sedimento, tratando-se também de um sepultamento secundário.



Figura 31 - Urna 11: (A) Urna com raiz em seu interior; (B) Corpo da urna. Fotos do acervo Projeto BR-163 e BR-230.

5.4 – Vasilhas

Vasilha 2

A Vasilha 2 possui um contorno simples, com base plana, corpo inferior cônico e corpo médio arredondado, com borda ausente. Não possui decoração e suas paredes são alisadas de forma regular. A inclinação interna das paredes pode indicar uma boca contraída. O antiplástico é de caco moído e cauxi, possui 14 cm de diâmetro de abertura e 5,5 cm de altura.



Figura 32 -Vasilha 2.

A vasilha 2 estava na extensão trincheira (ver Figura 9), isolada de qualquer outra urna ou vasilha. Junto a ela encontrava-se uma pequena vasilha decorada, pertencente à tradição inciso ponteadada, também com formato arredondado, com base plana, ponteados sobre o corpo e apliques zoomorfos junto à borda. A escavação da vasilha 2, feita em laboratório, ocorreu em um único nível de 5 cm, não apresentando nada além de sedimento em seu interior.



Figura 33 - Vasilha 2: (A) Vasilha ao fim da escavação; (B) Pequena vasilha associada a vasilha 2.

Essa vasilha na perspectiva das práticas funerárias é interessante, pois além de ser um vasilhame pequeno, tem junto um pote menor decorado. Esses acompanhamentos podem ter diferentes funções e significados, podendo ter contido alimentos para o morto.

Levando em conta inexistência a nível macroscópico de evidências osteológicas ou mesmo de material triturado junto ao sedimento, uma explicação possível para esse tipo de sepultamento é a ideia de que para alguns grupos Amazônicos os objetos podem até mesmo substituir o próprio morto (Chaumeil 1997; Py-Daniel 2015), sendo nesse caso uma representação do indivíduo que veio a falecer. Por outro lado, essas vasilhas podem ser acompanhamentos da urnas (4 e 5) encontradas na mesma unidade, apesar de não estarem tão próximas, é interessante que não temos relatos de sepultamentos de vasilhas como substitutivas de corpos para a região de Itaituba, contudo é uma possibilidade a ser considerada pois é muito claro a intensa dinâmica cultural existente nessa região, o que pode ter acontecido através de algum contato com outro grupo indígena.

Vasilha 5

A vasilha 5 tem contorno simples, com formato semi-esférico, com pequeno estreitamento antes da borda extrovertida e lábio com incisões. Não possui decoração, suas paredes são alisadas de forma regular; seu antiplástico é de cauixi. Esta vasilha mede 38 cm de diâmetro de abertura e 22 cm de altura, a espessura da parede varia entre 0,5 – 0,9 cm.

Essa vasilha não tem base, pois sofreu em campo uma série de quebras devido ao fato da urna 1 ter sido depositada um pouco acima dela. Estava perto das urnas 1, 2 e 4. No interior havia uma série de fragmentos da própria vasilha.

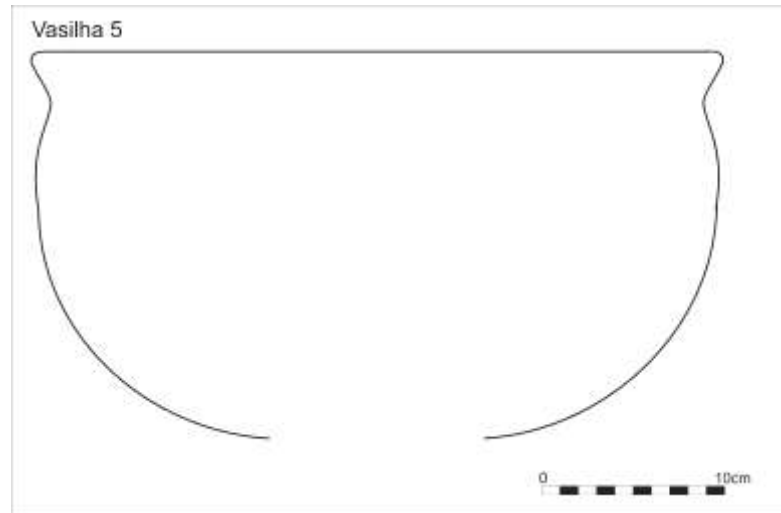


Figura 34 - Forma da vasilha 5

Essa vasilha se assemelha na forma e no tamanho às demais do sítio. Na escavação dessa vasilha não foram encontrados fragmentos de dentes ou ossos.

Vasilha 6

A vasilha 6 tem contorno simples, com formato globular deprimido, pescoço convexo, borda extrovertida, lábio apontado. A borda possui decoração digitada. Possui antiplástico de cauixi, mede 30 cm de diâmetro de abertura, 23 cm de altura.

A vasilha foi encontrada após a abertura da unidade 2 para a retirada da urna 7. Em campo estava fragmentada e quebrada por raízes próximas e foi embalada com atadura e plástico filme para evitar a quebra total. Em laboratório apresentou basicamente sedimento e fragmentos cerâmicos das paredes e alguns fragmentos de borda.

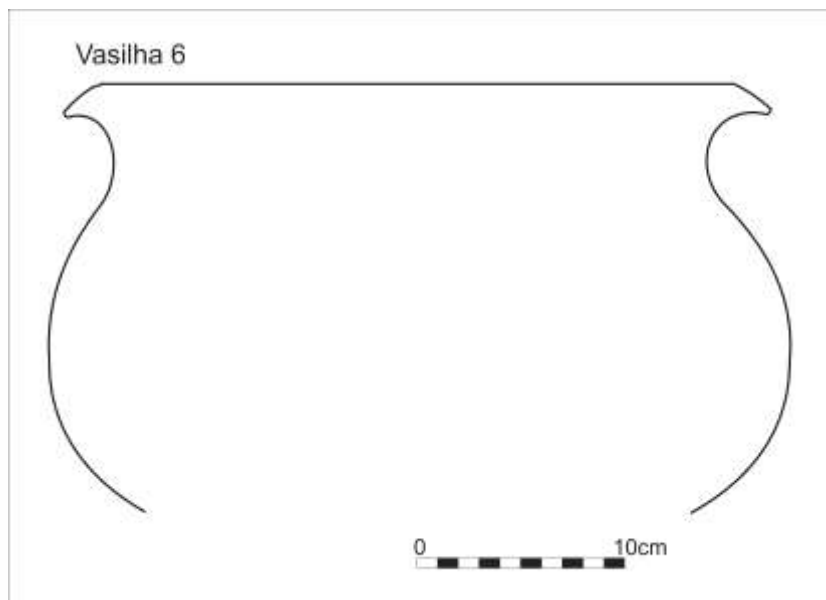


Figura 35 - Formato Vasilha 6

Essa vasilha não apresentou ossos em seu interior. A ação das raízes assim como a ausência de base podem ter contribuído com o desaparecimento dos possíveis vestígios ósseos.



Figura 36 – Vasilha 6: (A) Sedimento da Vasilha 6; (B) Fragmentos cerâmicos no interior da urna; (C) Borda no interior da Vasilha 6 com incisão. Fonte: Acervo Projeto BR-163 e BR-230.

6 – CONCLUSÃO

A etnografia levantada mostrou diversas formas de tratamento para os restos mortais, que foram comparados com o encontrado arqueologicamente. As escavações das urnas mostram o sepultamento secundário de ossos inteiros, triturados ou mesmo cremados, apresentando, portanto, também certa variabilidade.

Existe material lítico abundante nesse sítio, a maioria foi encontrada em superfície, em especial líticos lascados e polidos, machados polidos e lascas de sílex, existia também uma concentração de lascas e núcleos do que seria uma indústria lítica. Existe um total de 18 machados sendo seis inteiros, nove fragmentados e três fragmentos. Uma lâmina de machado foi encontrada associada a urna 4 tendo desgaste por uso, o que acaba sugerindo uma prática funerária de sepultamento junto com objetos utilizados em vida pelo indivíduo sepultado (Martins et al. 2010; Araujo da Silva 2013). o que reforça a ideia da urna 4 como a mais complexa do conjunto.

O sítio parece ter funcionado pelo menos parcialmente como um cemitério. O modo de deposição das urnas mostra uma sequência de eventos durante certo tempo, ou seja, algumas urnas e vasilhas foram enterradas neste espaço em momentos diferentes como é o caso da vasilha 1, que foi depositada acima da urna 5, o que indicaria o uso do espaço por um período de tempo que ainda não se pôde precisar.

Nesse espaço, as urnas que apresentam base conseguem preservar melhor o material osteológico, enquanto as que não possuem mostraram pouco ou nenhum vestígio ósseo, sendo a urna 1 uma exceção.

A urna 4 mostrou-se interessante, pois chamou a atenção para uma interpretação mais ampla sobre complexidade dos processos mortuários nesse sítio. Nos fez refletir, no quanto não se trata em enquadrar de forma estanque um sepultamento a determinada prática sobre o corpo: primária ou secundária, o que essa urna revelou, foi a presença de um contínuo e elaborado ato funerário, passando da possibilidade de classificação pontual a descrição de um processo que começa com a deposição do corpo em um sepultamento primário, passando algum tempo com o intuito de separação desse esqueleto das suas partes moles, procede-se com a recolha do material e a posterior queima, por fim sua organização na urna de forma definitiva. O processo de queima mostrou-se em baixa temperatura, em um claro sepultamento secundário, tanto pela coloração dos ossos quanto pelo modo como os ossos apresentam quebras significativas referente a esse processo.

A maioria dos escritos falam sobre vários modos de sepultamento para os índios Mundurucu, e quase todos terminam com a trituração dos ossos. Entretanto, especificamente para essas urnas o que se percebeu foi um processo ritualístico que demandou esforço por parte dessa comunidade, concluindo o sepultamento com a deposição da urna no cemitério, próximo ou longe da comunidade mas sem a trituração dos ossos na maioria dos casos.

Esse espaço cemitério parece ser dos índios Mundurucu, seja pelas aproximações com dados da etnografia ou pelas descrições relacionadas à sua ocupação nas margens do rio Tapajós, relatos que remontam no mínimo aos últimos 200 anos. As informações levantadas coincidem com a diversidade de práticas rituais e de sepultamentos secundários.

Py-Daniel (2015: 386-387) estima que as urnas desse sítio datem do século X ao século XVII. É muito comum nos relatos o tratamento diferenciado para determinados indivíduos nas comunidades indígenas, existindo a possibilidade de ocorrer um tratamento funerário mais destrutivo, como nas urnas que apresentaram material triturado. Existe a possibilidade de o enterro de urnas sem base ser intencional, o que demonstra tratamentos diferentes ou circunstâncias sociais e políticas que determinem o tipo de sepultamento a ser realizado, ficando a cargo das escolhas culturais e regras que regem essas comunidades.

Essa escavação mostrou o quanto é complexa a classificação de um sepultamento, pois se pensarmos de forma estanque a classificação dual (primária e secundária) que foi bem sucedida em enterramento diferentes da Amazônia, ou na Europa, por exemplo, e que foram importados aos nossos contextos, deixamos de vislumbrar um ato simbólico que pode ser mais complexo, onde apenas classificar determinada ação sobre o corpo não daria conta de entender o que de fato ocorre, pois a diversidade é enorme e as modificações no espaço são realizadas constantemente.

Por fim, a dinâmica cultural é intensa, existem uma série de redes de contatos que possibilitariam explicar as mudanças rituais e simbólicas em curto espaço de tempo, sem a preocupação em deixar rastros de uma história linear e bem “contada” para a ciência e para os arqueólogos que tentam olhar o passado com o filtro do presente, limitando interpretações plausíveis sobre a realidade estudada. Essa pesquisa mostra também que apesar dos poucos dados sobre as práticas de sepultamento para a região e pelos poucos materiais encontrados e bem preservados, foi possível relacioná-los com a etnografia e com os dados sobre práticas mortuárias referentes uma etnia indígena, fator importantíssimo, pois a invisibilidade e escassez de material funerários na Amazônia não são pressupostos para os atos funerários deixarem de ser estudados e levados em consideração.

7 – REFERÊNCIAS

- Acunã, C. 1994 [1641]. *Novo descobrimento do grande rio das Amazonas*. Uruguai: Oltaver S.A. Buenos.
- Alqahtani, S. J; M. P. Hector; H. M. Liversidge. 2008. Brief communication: the London atlas of human tooth development and eruption, in *American Journal of Physical Anthropology* 142(3): 481-490.
- Araujo da Silva, T. S. 2013. Construindo histórias: cadeia operatória e história de vida dos machados líticos amazônicos, in *Revista de Arqueologia (Sociedade de Arqueologia Brasileira. Impresso)* 25(1): 58-88.
- Barbosa Rodrigues, J. 1875. *Exploração e estudo do Valle do Amazonas e rio Tapajós*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional.
- Bates, H. W. 1979. *Um naturalista no rio Amazonas*. Belo Horizonte: Itatiaia.
- Bettendorf, J. F. 1909 [1698]. Crônica da missão dos padres da companhia de Jesus no estado do Maranhão [1625 – 1698], in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* 119.
- Chaumeil, J. 1997 - Entre la Memoria y el Olvido. Observaciones sobre los ritos funerarios en las tierras baja de América del Sur, in *Boletín de Arqueología PUCP*. p. 207-232.
- Chmyz, I. 1966. Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica. Centro de Ensino e Pesquisa Arqueológica, in *Manuais de Arqueologias parte I* (1). Curitiba.
- _____. 1969. Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica. Centro de Ensino e Pesquisa Arqueológica, in *Manuais de Arqueologias parte II* (1). Curitiba.
- Coudreau, H. A. 1977. *Viagem ao Tapajós*. São Paulo: Itatiaia.
- Duday, H.; P. Courtaud; E. Crubezy; P. Sellier; A. Tillier. 1990. L'Anthropologue "de terrain": onnaissance et interprétation des gestes funéraires, in *Bulletins et Mémoires de la Société d'anthropologie de Paris - Nouvelle Série* 2 (3-4): 29-49.

Duday, H. 2006. L' archeoethanatomie ou l'archeologie de la mort (Archaeoethnology of the archaeology of death), in *Social Archaeology of funerary remains* Editado por Gowland, R. e Knüßel, pp. 30-56. Oxford.: Oxbow Books

Dupras, T. 2011. *Forensic recovery of human remains: Archaeological approaches*. New York: CRC Press.

Fairgrieve, S. I. 2008. *Forensic cremation recovery and analysis*. New York: CRC Press.

Florence, H. 2007. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial 93.

Genep, A. V. 2004[1909]. The rites of passage, in *Death, Mourning, and Burial: a cross-cultural reader*. Editado por A. C. G. M. Robben, pp. 213-223. Oxford, United Kingdom: Blackwell Publishing.

Harry, E. F. 2005. Tooth coding system in the clinical dental setting, in *Dental Anthropology* 18(2): 44.

Hartt, C. F. 1885. Contribuições para a ethnologia do Valle do Amazonas, in *Archivos do Museu Nacional* 6:1-174.

Heriarte, M. de. 1962. *Descriçam do estado do Maranhã, Para, Corupa, rio das Amazonas*. Viena: Carlos Gerold.

Hertz, R. 1990[1917]. *La muerte y la mano derecha*. Madrid: Alianza Editorial.

_____. 2004[1917]. A Contribution to the Study of the Collective Representation of Death, in *Death, Mourning, and Burial: a cross-cultural reader*. Editado por A. C. G. M. Robben, pp. 197-212. Oxford, United Kingdom: Blackwell Publishing.

Hilbert, P P. 1958. Urnas funerárias do Rio Cururú, Alto. Tapajós, in *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Nova Série Antropologia* 6: 1-13.

Horton, D. 1948. The Mundurucu, in *Handbook of South American Indian* 1(3): 271-282.

Krenzer, U. 2006. Compendio de Métodos Antropológicos Forenses para la Reconstrucción del Perfil Osteo-biológico - Tomo IV, in *Serie de Antropología Forense*. Guatemala: Centro de Análisis Forense y Ciencias Aplicadas. 121p.

Krogman, W. M & M. Y. Isçan. 2003. *The Human Skeleton in Forensic Medicine*. Springfield: Charles C. Thomas.

Lagunas, R, Z. 2000. *Manual de osteología antropológica*. Instituto Nacional de Antropología e Historia.

Lessa, A. 2011. Conceitos e métodos em curadoria de coleções osteológicas humanas, in *Arquivos do Museu Nacional* 68(1-2): 3-16.

Malinowski, B. 2004[1925]. Magic, Science and Religion, in *Death, Mourning, and Burial: a cross-cultural reader*. Editado por A. C. G. M. Robben, pp. 19-22. Oxford, United Kingdom: Blackwell Publishing.

Martins, C P. 2010. *Ocupações humanas pré-coloniais na bacia do baixo rio Tapajós, Amazônia brasileira*. Monografia de Especialização. Universidade Federal do Pará, Belém.

_____. 2012a. Sobre contatos e fronteiras: um enfoque arqueológico, in *Revista Amazônica* 4(1): 150-184.

_____. 2012b. Os moradores do centro: Ocupações indígenas pré-coloniais no baixo Tapajós, in *Arqueologia, patrimônio e multiculturalismo na beira da estrada: Pesquisando ao longo das Rodovias Transamazônica e Santarém-Cuiabá, Pará*. Editado por D. P. Schaan. Belém: JKNoronha.

_____. 2012c. *Arqueologia do Baixo Tapajós: Ocupação Humana da periferia do domínio Tapajônico*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará, Belém.

_____; D. P. Schaan; A. M. A. Lima, I. A. Bezerra & W. F. S. Silva. 2010. Padrões de sepultamento na periferia do domínio Tapajó, in *Revista Amazônica* 2(1):167-171.

Mauss, M. 2003[1926]. Efeito Físico no indivíduo da ideia de morte sugerida pela coletividade (Austrália, Nova Zelândia), in *Sociologia e Antropologia*. São. Paulo: Cosac & Naify.

Mendonça de Souza, S. M. F; C. Rodrigues-Carvalho. 2013. 'Ossos no chão': para uma abordagem dos remanescentes humanos em campo, in *Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas* 8(3)551-566. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1981-8122201300030 0005>. Acesso em 10 jun. 2014.

Menéndez, M. A. 1981-82. Uma contribuição para a etno-história da área Tapajós-Madeira, in *Revista do Museu Paulista* 28: 289-389.

Métraux, A. 1947. Mourning rites and burial forms of the South American Indians, in *América Indígena* 7(1):7-44.

Müller, L. M. 2008. *Sobre índios e ossos: estudo de três sítios de estruturas anelares construídos para enterramento por populações que habitavam o vale do rio Pelotas no período pré-contato*. Dissertação de mestrado em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Neves, W. A. 1988. Uma proposta pragmática para cura e recuperação de coleções de esqueletos humanos de origem arqueológica, in *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi-Zoologia* 4:3-26.

Nimuendajú, C. 1949. Os Tapajó, in *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi* 10:93-106.

_____. 1981[1947]. *Mapa Etno-Histórico de Curt Nimuendajú*. Rio de Janeiro: IBGE.

_____. 2004. In pursuit of a past Amazon: archaeological researches in the Brazilian Guyana and in the Amazon region. Editado por Per Stenborg. *Ethnological Studies* 45.

Pearson, M. P. 1999. *The archaeology of death and burial*. Phoenix Mill, UK: Sutton.

Pereira, C. B & M. C. Mello-Alvim. 1978. *Manual para estudos craniométricos e cranioscópicos*. Rio de Janeiro.

Perota, C. 1979. *Projeto PRONAPABA. Relatório de Campo*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo. Inédito.

Py-Daniel, A. R. 2009. *Arqueologia da morte no sítio Hatahara durante a fase Paredão*. Dissertação de Mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo

_____. 2015. *Os contextos funerários na arqueologia da calha do rio Amazonas*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo – MAE / USP, São Paulo.

Robben, A. C. G. M. 2004. Death and Anthropology: An introduction, in *Death, mourning, and burial: a cross-cultural reader*. Editado por A. C. G. M. Robben, pp 1-16. Oxford, United Kingdom: Blackwell Publishing.

Roksandic, M. 2002. Position of Skeletal Remains as a Key to Understanding Mortuary Behavior, in *Advances in Forensic Taphonomy: Method, Theory and Archaeological Perspectives*. Editado por W. D. Haglund e M. H. Sorg, pp. 99-117. CRC Press, Boca Raton.

Rostain, S. 2011. La mort amérindienne en Amazonie, in *Cahiers d'Histoire de l'Amérique Latine* 5: 221-254

Schaan, D. P. 2003. Investigando gênero e organização social no espaço ritual e funerário Marajoara, in *XII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, pp. 21-25. São Paulo.

_____. 2010. *Programa de identificação e salvamento do patrimônio arqueológico BR-163 (Guarantã do Norte/Entroncamento BR-230) e BR-230 (Miritituba/Rurópolis)*. Relatório semestral de Janeiro a Junho 2010. Belém: Universidade Federal do Pará. Inédito.

Schaefer, M.; S. Black; L. Scheuer. 2009. *Juvenile Osteology: A Laboratory and Field Manual*. Amsterdam: Elsevier

Shipman, P.; G. Foster; M. Schoeninger. 1984. Burnt bones and teeth: an experimental study of color, morphology, crystal structure and shrinkage, in *Journal of Archaeological Science* 11(4): 307-325.

Souza, A. M.a de. 1997. *Dicionário de Arqueologia*. Rio de Janeiro: ADESA.

Stenborg, P.; D. P. Schaan; M. A. Lima. 2012. Uso da terra e padrão de assentamento pré-colombiano na região de Santarém, Baixo Amazonas, in *Amazônica – Revista de Antropologia* 4(1): 222-250.

Tylor, E. B. 1920[1871]. *Primitive culture: researches into the development of mythology, philosophy, religion, language, art and custom*. Londres: J. Murray.

Ubelaker, D. H. 2008. *Enterramientos humanos. Excavación, análisis, interpretación*. Sociedad de Ciencias Aranzadi.

White, T & P. A. Folkens. 2005. *The human bone manual*. London: Elsevier, Academic Press.

3 – CONCLUSÕES

A morte tem muita importância, seja no aspecto político, religioso, ideológico, geracional ou histórico, tem ainda significados na figura pública, reforçado pela aura em torno do corpo morto pelo afeto e a emoção a ele evocado. A morte inspira um temor entre os vivos que se materializa no cadáver, no tratamento do corpo, no enterro dos mortos, os espaços onde acontecem tais ações vão para além dos aspectos simbólicos, onde também se tornam espaços para ações políticas, de significado e de relações de emoção.

Ora, nessa perspectiva temos que as relações entre as práticas mortuárias e as ações do vivos sobre o corpo do falecido são condições importantes para o entendimento de qualquer sítio arqueológico. Percebe-se nas descrições sobre práticas funerárias que as ações funerárias são parte integrante do cotidiano dos indivíduos, onde não se pensa em uma separação por completo do mundo dos mortos e o mundo dos vivos, que apesar de diferentes estão sempre andando juntos e influenciando a vida de todos da comunidade.

A interpretação de que o mundo espiritual e o mundo físico estão intimamente ligados é que torna as ações das interpretações dos vestígios funerários mais complexas, pois além da ação sobre o corpo, existe uma justificativa que as vezes não segue a lógica racional da ciência, não se limita a ter uma comprovação para que tenha credibilidade, segue uma lógica “alternativa” por assim dizer. Desta forma, pensar os conteúdos funerários a partir de lógicas por vezes antagônicas exige uma preparação e uma liberdade teórica incomum nos meios acadêmicos.

É muito claro que para alcançar resultados coerentes e comprovatórios para o desafio de explicar logicamente dois mundos e a real importância dos atos da morte requer um profissional treinado em campo e no laboratório. Sabe-se da necessidade da existência de um mínimo de condições técnicas para a guarda, preservação e recuperação desses remanescentes humanos, equipamentos para o manuseio e captação de dados sobre os diversos tipos de materiais, mas sobretudo é necessário um desdobramento significativo do investigador para entender o mundo espiritual em conjunto com o mundo real.

Sem dúvida o estudo de práticas mortuárias nessa pesquisa efetivamente mostrou ações sobre o corpo que estão inseridas no contexto de reproduções de relações sociais tanto nos rituais, quanto em suas relações simbólicas, políticas e estruturais, em uma clara relação

entre os vivos, seus antepassados e a sua lógica de organização em grupo, assim como relações de poder.

De uma forma geral temos que os rituais mortuários são um modo de separar os vivos dos mortos, neste processo de retirar o cadáver do local da morte o mesmo vai sofrer algum tipo de transformação seja através do enterro, da mumificação, da cremação ou até mesmo quando do seu consumo, trazendo à tona uma relação ambivalente entre os vivos e os mortos (Robben 2004).

Essas ações de reconhecimento entre dois mundos que são inseparáveis, nos mostram muito sobre a organização social dessas comunidades, as hierarquias podem ser lidas como as separações entre os mundos físico e espiritual. Na Amazônia os processos relacionados a sepultamentos nos indicam uma série de lógicas de reafirmação de diferenças culturais e sociais entre os indivíduos, seja pelo acompanhamento ritual, pela disposição das urnas, pela distância entre os sítios cemitérios e os sítios habitação, lógicas que mostram o conjunto de informações nos espaços onde estão localizados.

Os materiais ósseos, ou os mortos podem nos falar (Mendonça de Souza 2010) sobre os acontecimentos nos espaços das aldeias, não só os atos, mas a mobilização e todo o material do cotidiano dos indivíduos, que por sua vez estão inseridos direta e indiretamente nos contextos funerários, seja cerâmica, lítico ou material biológico, o ato da morte é o espaço da complexidade e de amplitude social capaz de mobilizar todas as instâncias sociais e estruturais da comunidade, seja a curto, médio ou longo prazo, ainda mais quando da morte de um indivíduo importante ou líder.

A complexidade ritual, mágica e simbólica, os aspectos físicos e hierárquicos ficaram bem evidentes nas análises dos materiais referentes ao sítio N. S. P. Socorro, já que foi interessante o modo como os materiais osteológicos se apresentaram no sítio, momentos em que foi possível ficar confuso com a possibilidade vários tipos de tratamento para no mínimo um indivíduo, ações sobre o corpo que sugerem aspectos diferenciados e complexos nos contextos estudados.

Essa ideia de complexidade vai contra a importância antes dada aos materiais osteológicos e interpretações sobre a morte, em especial na Amazônia, que antes tinham a preocupação na paleopatologia humana em detrimento dos aspectos simbólicos e contextuais que envolvem o processo de sepultamento, isso até meados do séc. XX.

Essa pesquisa ainda mostrou que apesar de encontrarmos uma série de sepultamentos, existe uma real identidade ao qual se refere essas práticas, sejam expressas na cerâmica, na decoração, nos acompanhamentos ou mesmo no modo de tratar o corpo, em suma o conjunto de dados é que vai aproximar a realidade funerária de determinado grupo indígena, e para além disso, os contextos mostram o quanto a dinâmica cultural era intensa na época pré-contato na Amazônia.

Tais interpretações somente são possíveis devido a maleabilidade teórico-metodológica que as práticas de sepultamento proporcionam, pois no intuito de se colher a maior quantidade de dados e informações possíveis, podemos lançar mão sobre uma série de técnicas que nos permitam tal fim, pois para esse material – apesar das dificuldades relacionadas a informações básicas sobre altura, sexo e idade, muito devido a degradação do material que não permitiu uma série de análises e conclusões mais coerentes – conseguimos extrair uma série de informações e interpretações que colaboram e confirmam informações sobre as práticas funerárias na região e ainda relacioná-las a uma grupo..

Percebo nessa maleabilidade de protocolos, uma vantagem e um convite para que mais profissionais levem em consideração a possibilidade de trabalhar já de antemão com a ideia de um profissional especializado ou ele mesmo se especializar na área dos estudos funerários, pois o sítio para além de tudo, sempre acaba rendendo surpresas interessantes, e não pensar em arqueologia da morte ou funerária com a expectativa de que o laboratório consiga extrair todas as informações do material se faz falha.

Nessa perspectiva a arqueologia tem que pensar em antes, durante e depois do sítio, em um contínuo debate e interpretação de todas as etapas do campo ao laboratório, pois quando se trabalha com uma interpretação parcial, onde somente se pensa os dados por uma perspectiva ceramista por exemplo, perde-se que uma boa quantidade de informações possivelmente não serão mais resgatados em laboratório.

4 – REFERÊNCIAS

Barreto, C. 2008. *Meios místicos de reprodução social: arte e estilo na cerâmica funerária da Amazônia antiga*. Tese de Doutorado. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Bezerra, I. M. A. 2008. *Aspectos metodológicos sobre análises de remanescentes ósseos humanos: exemplos de sítios arqueológicos do Marajó e de Almerim, Pará, Brasil*. Monografia de especialização. Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Belém.

Bezerra, I.; Silva, Hilton P. 2009. Tirando do Pó: Uma Introdução Metodológica sobre o Tratamento de Remanescentes Ósseos Humanos de Origem Arqueológica, in *Revista de Arqueologia* 22(2): 121-135.

Duday, H.; P. Courtaud; E. Crubezy; P. Sellier; A. Tillier. 1990. L'Anthopologue "de terrain": onnaissance et interprétation des gestes funéraires, in *Bulletins et Mémoires de la Société d'anthropologie de Paris - Nouvelle Série* 2 (3-4) 29-49.

Gennep, A. V. 2004[1909]. The rites of passage, in *Death, Mourning, and Burial: a cross-cultural reader*. Editado por A. C. G. M. Robben, pp. 213-223. Oxford, United Kingdom: Blackwell Publishing.

Guapindaia, V. 2004. Práticas Funerárias Pré-históricas na Amazônia: as Urnas Maracá, in *Margens/Márgenes* 5: 36-49.

Hertz, R. 1990[1917]. *La muerte y la mano derecha*. Madrid: Alianza Editorial.

_____. 2004[1917]. A Contribution to the Study of the Collective Representation of Death, in *Death, Mourning, and Burial: a cross-cultural reader*. Editado por A. C. G. M. Robben, pp. 197-212. Oxford, United Kingdom: Blackwell Publishing.

Martins, C. P.; D. P. Schaan; A. M. A. Lima, I. A. Bezerra & W. F. S. Silva. 2010. Padrões de sepultamento na periferia do domínio Tapajó, in *Revista Amazônica* 2(1)167-171.

Mendonça de Souza, S. M. F.; Guapindaia V.; Rodrigues, C. D. 2001. A necrópole Maracá e os problemas interpretativos em um cemitério sem enterramentos, in *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi* 17(2): 479-520.

Mendonça de Souza, S. M. F. 2010. O silêncio bioarqueológico da Amazônia: entre o mito da diluição demográfica e o da diluição biológica na floresta tropical, in *Arqueologia Amazônica 1*. Organizado por E. Pereira e V. Guapindaia, pp. 425-445. Belém, MPEG/IPHAN/SECULT.

____.; C. Rodrigues-Carvalho. 2013. 'Ossos no chão': para uma abordagem dos remanescentes humanos em campo, in *Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas* 8(3)551-566. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1981-81222013000300005>. Acesso em 10 jun. 2014.

Py-Daniel, A. R. 2009. *Arqueologia da morte no sitio Hatahara durante a fase Paredão*. Dissertação de Mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

____. 2015. *Os contextos funerários na arqueologia da calha do rio Amazonas*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo – MAE / USP, São Paulo.

Robben, A. C. G. M. 2004. Death and Anthropology: An introduction, in *Death, mourning, and burial: a cross-cultural reader*. Editado por A. C. G. M. Robben, pp 1-16. Oxford, United Kingdom: Blackwell Publishing.

Schaan, D. P. 2003. Investigando gênero e organização social no espaço ritual e funerário Marajoara, in *XII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, pp. 21-25. São Paulo.

____. 2010. *Programa de identificação e salvamento do patrimônio arqueológico BR-163 (Guarantã do Norte/Entroncamento BR-230) e BR-230 (Miritituba/Rurópolis)*. Relatório semestral de Janeiro a Junho 2010. Belém: Universidade Federal do Pará. Inédito.

Schwarcz, L. M. 2010. Os museus etnográficos brasileiros: “Polvo é povo, molusco também é gente”, in *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e a questão racial no Brasil: 1870-1930*. pp. 67-98. São Paulo: Companhia das Letras.